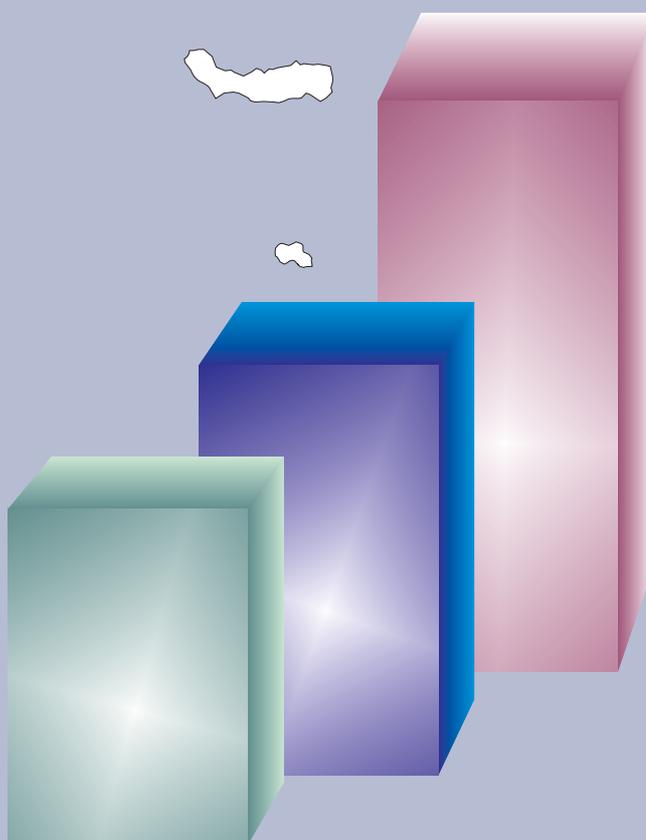
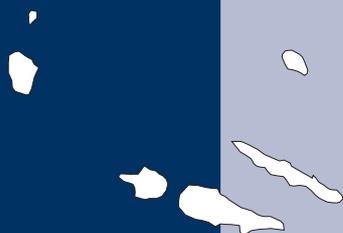




REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
Vice-Presidência do Governo
Direcção Regional do Planeamento e Fundos Estruturais

Situação Socioeconómica 2010



Novembro

17/2011

ÍNDICE

	Pág.
Introdução.....	5
0. Contas Regionais	7
1. População.....	11
2. Mercado de Trabalho	15
3. Preços no Consumidor	21
4. Moeda e Crédito	23
5. Finanças Públicas.....	27
6. Agricultura	31
7. Pescas	37
8. Energia	41
9. Comércio com o Estrangeiro	45
10. Turismo.....	47
11. Transportes.....	51
12. Educação.....	55
13. Desporto	59
14. Cultura	61
15. Saúde	63
16. Segurança Social	67
17. Sociedade da Informação.....	71

INTRODUÇÃO

O Presente documento visa proporcionar uma panorâmica da realidade económica e social da Região Autónoma dos Açores.

Para o efeito apresenta-se informação quantificada relevante e disponível e, sempre que possível, a análise da evolução recente dos diversos domínios e sectores tratados.

Esta publicação está disponível no site:

www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/vp-drpfe/

DRPFE, Novembro de 2011

0. CONTAS REGIONAIS

À data de edição deste documento, o Instituto Nacional de Estatística disponibiliza uma série temporal para o Produto Interno Bruto que termina em 2009, com uma estimativa preliminar para aquele ano

O Produto Interno Bruto de 3706 milhões de euros a preços correntes no ano de 2009 representa um ligeiro acréscimo anual, traduzível numa taxa média de variação de 0,1%, em termos nominais.

No contexto geral de crise financeira e também económica, o ligeiro crescimento nominal da atividade económica não favoreceu um processo alargado de geração de riqueza. Todavia, atendendo ao contexto recessivo na economia nacional e com efeitos nas atividades dos diversos espaços territoriais, o volume do Produto Interno Bruto na Região Autónoma dos Açores durante o ano de 2009 representou e atingiu 2,21% do total produzido pela economia portuguesa, situando-se a um nível significativamente superior ao do ano anterior, que já fora de 2,15%.

Produto Interno Bruto (Base 2006) a preços de mercado

Unid.: Milhões de Euros

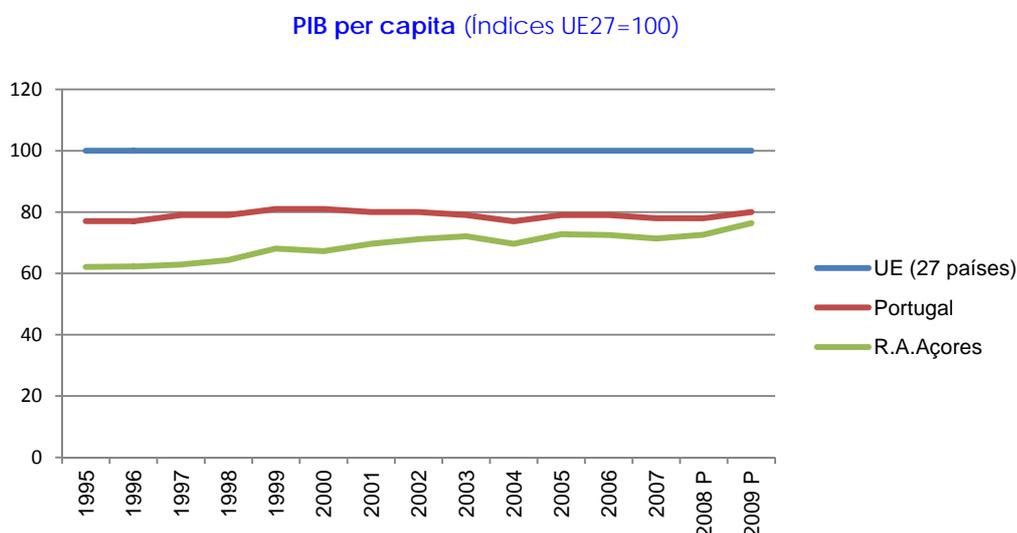
Ano	Açores	País	Açores / País %	PIB per capita (mil euros)	PIB per capita (País=100)	PIB per capita PPC (UE27=100)
1995	1 683	87 745	1,92	7,1	81	62
1996	1 776	93 087	1,91	7,5	81	62
1997	1 902	100 981	1,88	8,0	80	63
1998	2 101	110 104	1,91	8,8	81	64
1999	2 315	118 370	1,96	9,8	84	68
2000	2 451	127 007	1,93	10,3	83	67
2001	2 689	134 137	2,00	11,3	87	70
2002	2 878	140 142	2,05	12,1	89	71
2003	2 984	143 015	2,09	12,5	91	72
2004	3 092	148 827	2,08	12,8	91	70
2005	3 234	153 728	2,10	13,4	92	73
2006	3 388	160 273	2,11	14,0	92	73
2007	3 546	168 737	2,10	14,6	92	71
2008 P	3 703	172 022	2,15	15,2	94	73
2009 P	3 706	168 046	2,21	15,1	96	76

P = Resultados preliminares.

Fonte: INE, Contas Regionais (base 2006).

A evolução recente da produção integra-se num reforço da tendência de aproximação a níveis médios observados nas economias portuguesa e europeia, mais precisamente da União Europeia a 27 países.

Efetivamente, o índice do PIB per capita na Região Autónoma dos Açores, medido em paridades poder de compra, atingindo 76% do nível médio da UE27 em 2009, aproximou-se significativamente do correlativo índice da economia portuguesa com 80% no mesmo ano e prosseguiu uma tendência de evolução com crescimento praticamente linear desde o início da série em 1995, então com índices na ordem de 60%.



A desagregação do Valor Acrescentado Bruto por ramos de atividade confirma aspetos de variações mais intensas no âmbito de diversos serviços do terciário, ao mesmo tempo que regista um certo esboço de evolução entre ramos do secundário.

Os ramos com características públicas, de ordem socioeconómica e, também, administrativa, representam mais de 30% do total, mas mostram evoluções moderadas nos últimos anos, não se afastando da tendência média.

Seguem-se serviços com elevadas componentes de ordem comercial e empresarial que, incluindo elementos estruturais de mobilidade de bens e pessoas como transportes, alojamento ou restauração, revelam uma certa progressão ao longo dos anos, mas expressando-se de forma mais visível e regular a partir de fins da década de noventa. Já serviços de ordem mais

financeira vêm assumindo expressão mais evidente em fase posterior e mais recente.

No sector secundário, o volume de produção em construção era inicialmente superior ao do volume de produção nas indústrias transformadoras. Todavia, estas têm mantido um ritmo de crescimento significativo, superando os volumes de produção contabilizados em construção nos últimos anos.

VAB por Ramos de Atividades Económicas

Unid.: milhões de Euros

	Total	Primárias	Industriais e energia	Construção	Comerciais	Financeiras	Outros serviços
1995	1 480,8	196,3	105,0	129,4	384,7	227,7	437,7
1996	1 557,6	204,2	112,8	129,9	404,9	229,4	476,5
1997	1 671,2	203,2	124,4	147,9	430,0	248,7	517,0
1998	1 835,7	218,9	152,2	167,1	468,2	261,4	567,8
1999	2 017,1	251,0	160,7	171,2	523,7	291,6	618,9
2000	2 146,8	252,4	177,6	174,7	553,8	306,1	682,2
2001	2 357,5	252,5	185,2	216,5	617,7	332,4	753,2
2002	2 514,7	266,6	205,4	224,7	661,8	342,4	813,8
2003	2 604,6	268,4	219,3	211,4	699,1	374,2	832,0
2004	2 698,8	276,9	230,0	226,4	734,5	376,0	855,1
2005	2 795,1	278,4	242,8	217,3	765,1	399,8	891,8
2006	2 913,2	273,7	260,5	220,6	809,1	423,2	926,1
2007	3 062,3	250,3	288,4	245,8	836,1	449,6	992,1
2008 P	3 214,1	267,5	294,2	261,0	879,3	473,6	1 038,5
2009 P	3 281,5	282,4	300,7	256,5	860,6	470,6	1 110,7

P = Resultados preliminares.

Fonte: INE, Contas Regionais (base 2006).

Os totais de Formação Bruta de Capital Fixo, conhecidos para os anos de 2006 a 2008, situam-se numa ordem de grandeza que, grosso modo, corresponde a cerca de $\frac{1}{4}$ da produção total gerada nos respetivos anos.

As maiores realizações de investimentos ocorreram em ramos associados a diversos serviços que, conseqüentemente, condicionam o sentido e a intensidade da evolução geral.

Todavia, ramos com representatividade mais restrita podem desempenhar certos efeitos sobre a evolução geral, por exemplo através de maior

sensibilidade a aspetos de conjuntura, como poderá ser o caso da construção em 2008.

FBCF - Formação Bruta de Capital Fixo

Unid.: milhões de Euros

Anos	Primárias	Industriais e energia	Construção	Comerciais	Financeiras	Outros serviços	Totais
2006	13,5	105,5	34,2	248,8	222,7	222,3	847,0
2007	25,6	108,1	51,6	396,0	229,1	227,5	1.037,8
2008	15,0	112,9	28,7	397,4	197,1	275,1	1.026,2

Fonte: INE, Contas Regionais (base 2006).

Comparando os valores de Rendimentos Primários Brutos obtidos pelos agentes económicos no processo produtivo com os valores dos respetivos rendimentos disponíveis, verificam-se diferenças que variam em função dos saldos entre impostos, contribuições sociais, prestações sociais e outras transferências.

No caso concreto para os anos de 2006 a 2008, o rendimento disponível registou uma redução no primeiro daqueles anos e beneficiou de acréscimos nos dois anos seguintes.

Rendimento Primário

Unidade: Milhões de euros

	Rendimento Primário Bruto	Rendimento Disponível Bruto
2006	2 518,1	2 507,4
2007	2 569,6	2 595,2
2008	2 731,5	2 772,6

Fonte: INE, Contas Regionais (base 2006).

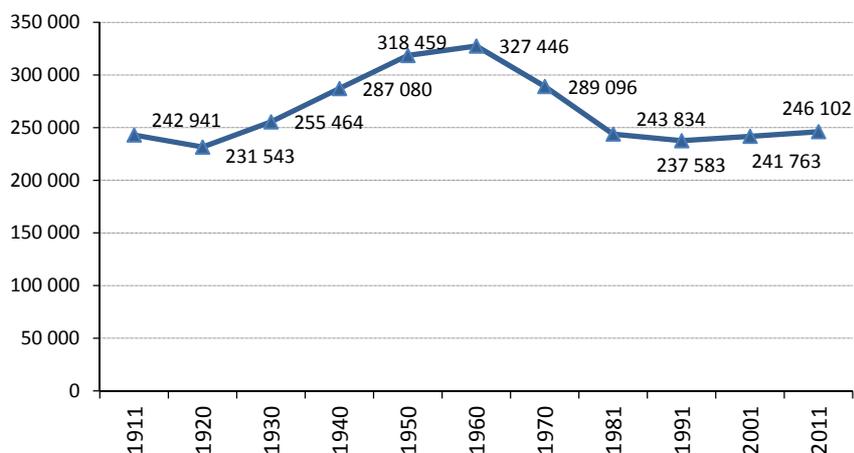
1. POPULAÇÃO

À data de edição deste documento, é possível aceder a alguns resultados preliminares dos Censos de 2011. Estes resultados registam uma população residente nos Açores de 246 102 indivíduos, representando um crescimento de 1,8% na última década.

Esta evolução corresponde a um saldo demográfico de 4339 indivíduos, prosseguindo o acréscimo absoluto da população que se iniciou na década anterior com um saldo de 3 968 pessoas.

A acumulação destes dois saldos elevou o volume total da população residente nos Açores a um nível superior ao do censo de 1981, quando a evolução revelava um declínio evidente.

População Total Residente nos Açores



O sentido positivo dos dois últimos saldos demográficos intercensitários dependeu dos respetivos saldos fisiológicos, já que os saldos migratórios continuaram negativos.

Todavia, o saldo migratório apresenta-se com um impacto praticamente residual, sem a gravidade que antes determinava o sentido da evolução total.

Saldos Demográficos Decenais

Anos	Saldo Fisiológico	Saldo Migratório	Saldo demográfico
1961	57 976	-50 965	7 011
1971	49 461	-100 238	-50 777
1981	26 926	-60 742	-33 816
1991	17 172	-22 877	-5 705
2001	8 078	-4 110	3 968
2011	4 756	-417	4 339

Em termos territoriais tem-se vindo observar um certo crescimento nos espaços de maior densidade e com funções administrativas, sociais e económicas, com capacidade de oferta de emprego e retenção de população, por contrapartida de alguma estabilidade e pontualmente redução, nos mais afastados dos principais centros.

População Residente por Ilhas e Concelhos

ILHA, Concelho	1970	1981	1991	2001	2011
AÇORES	284 915	243 410	237 795	241 763	246 102
SANTA MARIA, V. do Porto	9 675	6 500	5 922	5 578	5 547
SÃO MIGUEL	149 000	131 908	125 915	131 609	137 699
Lagoa	13 250	12 849	12 900	14 126	14 430
Nordeste	8 885	6 803	5 490	5 291	4 920
Ponta Delgada	67 975	63 804	61 989	65 854	68 748
Povoação.....	12 820	8 458	7 323	6 726	6 314
Ribeira Grande	32 165	28 128	27 163	28 462	32 032
Vila F. do Campo	13 905	11 866	11 050	11 150	11 255
TERCEIRA	65 500	53 570	55 706	55 833	56 062
Angra do Heroísmo	39 465	32 808	35 270	35 581	34 976
Praia da Vitória	26 035	20 762	20 436	20 252	21 086
GRACIOSA, Santa Cruz	7 180	5 377	5 189	4 780	4 393
SÃO JORGE	12 970	10 361	10 219	9 674	8 998
Calheta.....	6 130	4 434	4 512	4 069	3 617
Velas.....	6 840	5 927	5 707	5 605	5 381
PICO	18 115	15 483	15 202	14 806	14 144
Lajes do Pico	6 605	5 828	5 563	5 041	4 701
Madalena	6 860	5 977	5 964	6 136	6 049
São Roque do Pico	4 650	3 678	3 675	3 629	3 394
FAIAL, Horta	16 375	15 489	14 920	15 063	15 038
FLORES	5 630	4 352	4 329	3 995	3 791
Lajes das Flores	2 600	1 896	1 701	1 502	1 503
Santa Cruz das Flores.....	3 030	2 456	2 628	2 493	2 288
CORVO, Vila Nova	470	370	393	425	430

Fonte: INE,.

Em termos de variação anual recente e tomando como fonte dados documentos do serviço regional de estatística, observa-se que a variação anual da população em 2010, combina variações positivas, quer da componente natural (saldo fisiológico), quer da componente migratória.

Decomposição da Evolução Demográfica

	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Saldo fisiológico	550	579	471	597	562	353	284
Saldo migratório	632	458	306	391	212	241	473

Fonte: INE, SREA.

A componente natural com um saldo positivo corresponde ao excedente dos 2 754 registos de nascimentos em relação aos 2 470 registos de óbitos.

Apesar da natureza positiva em termos absolutos do saldo fisiológico, a sua dimensão relativa vem diminuindo, por via do decréscimo do número de nascimentos, a que se junta mais recentemente o acréscimo do número de óbitos.

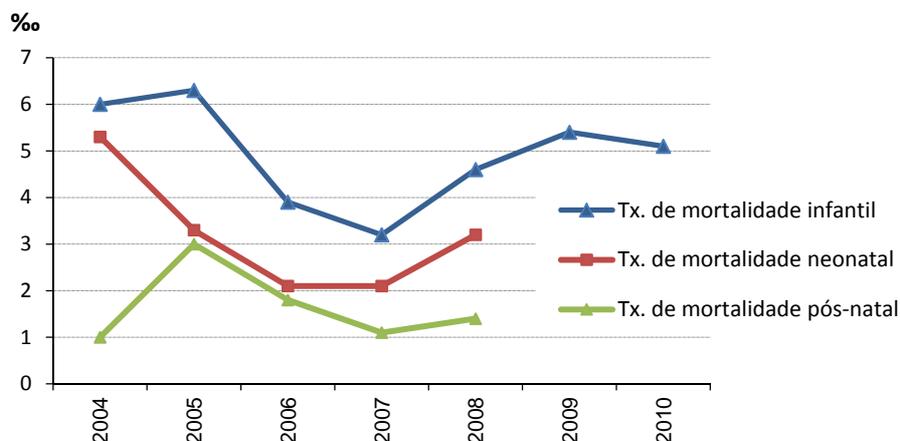
Evolução das Componentes dos Saldos Fisiológicos

	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Nados vivos.....	3 007	3 019	2 810	2 847	2 836	2 786	2 754
Óbitos.....	2 457	2 439	2 339	2 250	2 274	2 433	2 470

Fonte: INE, SREA,

No caso específico da mortalidade infantil, em 2010 registou-se uma diminuição de casos de óbitos de crianças de menos de 1 ano de idade, originando uma diminuição na taxa de mortalidade infantil. Em relação às demais situações de mortalidade infantil os dados mais recentes são de 2008 e apontam para uma certa estabilidade das taxas evidenciadas, já que não se poderá escamotear que o universo relativamente reduzido do efetivo populacional, um ou outro fenómeno isolado, induz variações algo significativas nas taxas correspondentes.

Mortalidade Infantil



Ao nível da nupcialidade, em 2010 realizaram-se 1 211 casamentos, número praticamente igual ao do ano anterior, embora o número conhecido de divórcios e separações tenha vindo a aumentar.

Nupcialidade

	2006	2007	2008	2009	2010
Casamentos	1.465	1.304	1.345	1.207	1.211
Divórcios	593	749	771	787	
Separações	5	2	7	8	

Ao nível da estrutura etária da população por grandes grupos, observa-se que o peso dos jovens no total é decrescente, mercê dos menores níveis de natalidade que se vêm observando nos últimos anos, por contrapartida do grande grupo etário de indivíduos em idade ativa, o que representa um desafio acrescido em termos de geração de empregos na economia.

Em termos da relação de dependência total verifica-se que nos últimos anos cinco anos esta relação apresenta inclusivamente uma ligeira diminuição em termos relativos, ou seja, o grupo dos ativos terá a seu cargo um menor conjunto de indivíduos jovens e idosos.

Estrutura Etária da População

	2006	2007	2008	2009	2010
População com menos 15 anos	19,4	19,1	18,8	18,6	18,3
População dos 15-64 anos	68,2	68,5	68,8	69,1	69,2
População com mais de 64 anos	12,4	12,4	12,4	12,3	12,5

Fonte: - INE.

2. MERCADO DE TRABALHO

Em 2010, o volume de emprego (população ativa empregada) de 110,3 milhares de indivíduos representa uma variação de -1,7% em relação ao ano anterior que, face à hipótese de continuidade na tendência de evolução geral dos recursos humanos disponíveis no mesmo período, se terá traduzido em subaproveitamento no potencial do mercado de trabalho, quer por via de desemprego quer, principalmente, por via de retenção na categoria de população classificada como inativa.

O nível médio anual de desemprego aumentou, mas manteve-se na ordem dos 8 milhares e numa taxa média anual ainda na casa dos 6%, ao passo que o total da população inativa engrossou de forma mais acentuada, retomando o nível de há cerca de dois anos atrás.

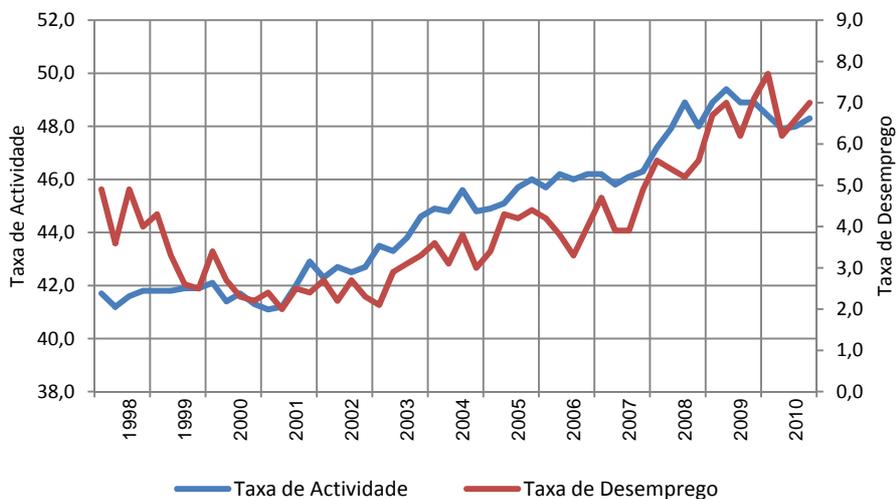
Condição da População Perante o Trabalho

	Nº Indivíduos						
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
População Ativa	108 586	109 773	111 755	112 159	117 582	120 290	118 424
Empregada	104 892	105 283	107 500	107 284	111 168	112 171	110 286
Desempregada	3 694	4 490	4 255	4 875	6 414	8 118	8 139
População Inativa	132 583	131 873	130 956	131 222	126 540	124 904	127 505
Tx. de Atividade (%)	45,0	45,4	46,0	46,1	48,2	49,1	48,2
Tx. de Atividade Feminina (%) ..	33,4	33,8	34,9	36,0	38,4	39,7	38,8
Tx. de Desemprego (%).....	3,4	4,1	3,8	4,3	5,5	6,7	6,9

Fonte: SREA, Inquérito ao Emprego.

Em termos de variações inseridas no contexto mais geral de tendência a médio prazo, verifica-se que as variações registadas ao longo de 2010 relativizam-se, perdendo a força que um sentido absoluto aparentemente lhe confere e relevando uma imagem mais próxima de estabilização e reajustamento, conforme é observável no gráfico representado a seguir.

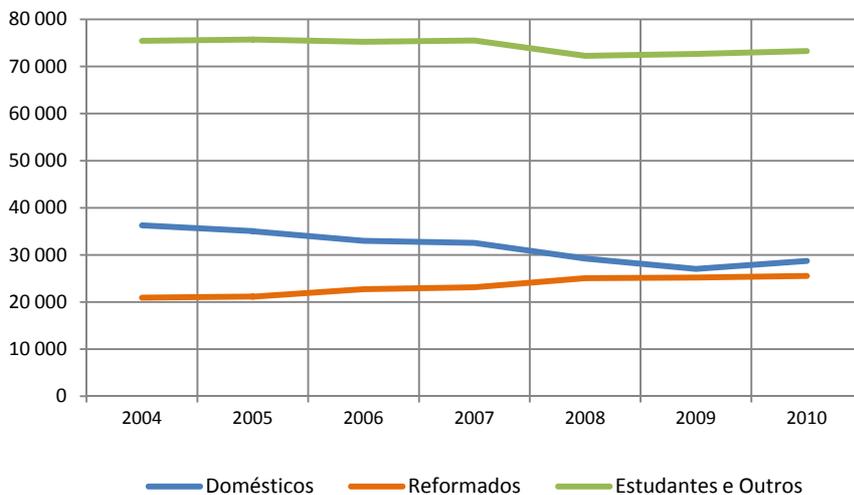
Atividade e Desemprego



O aumento da população inativa, em contrapartida à evolução do volume da população associável ao mercado de trabalho e que já foi referido anteriormente, incorporou acréscimos absolutos distribuídos pelas respetivas grandes categorias, a saber, a população doméstica, a reformada e outra calculada residualmente, mas composta basicamente por estudantes.

Todavia, o primeiro grupo, o da população doméstica, registou um aumento proporcionalmente maior, interrompendo a sequência da linha de evolução dos últimos anos.

População Inativa



Na distribuico da populao ativa empregada segundo os sectores de atividade, o terciário continuou a registar oferta líquida de emprego, particularmente no âmbito de serviços públicos e do Estado, enquanto diversos serviços de ordem mais comercial revelaram maior sensibilidade, interrompendo o processo de evoluo que vinham registando anteriormente.

No sector secundário registaram-se reduoes líquidas em postos de trabalho, sendo que os dados de evoluo intra-anual apontam no sentido de um amortecimento ou desacelerao nas atividades de construo.

O sector primário voltou a registar um decréscimo, descendo para um patamar inferior ao nível mais frequente nos últimos anos, cerca de 12%.

Populao Ativa Empregada por Sectores de Atividade

	%						
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Sector Primário	12,5	12,4	12,4	12,0	13,1	12,7	11,3
Sector Secundário.....	26,4	25,4	25,9	26,8	26,7	24,4	23,8
Sector Terciário.....	61,1	62,2	61,7	61,2	60,2	62,9	64,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

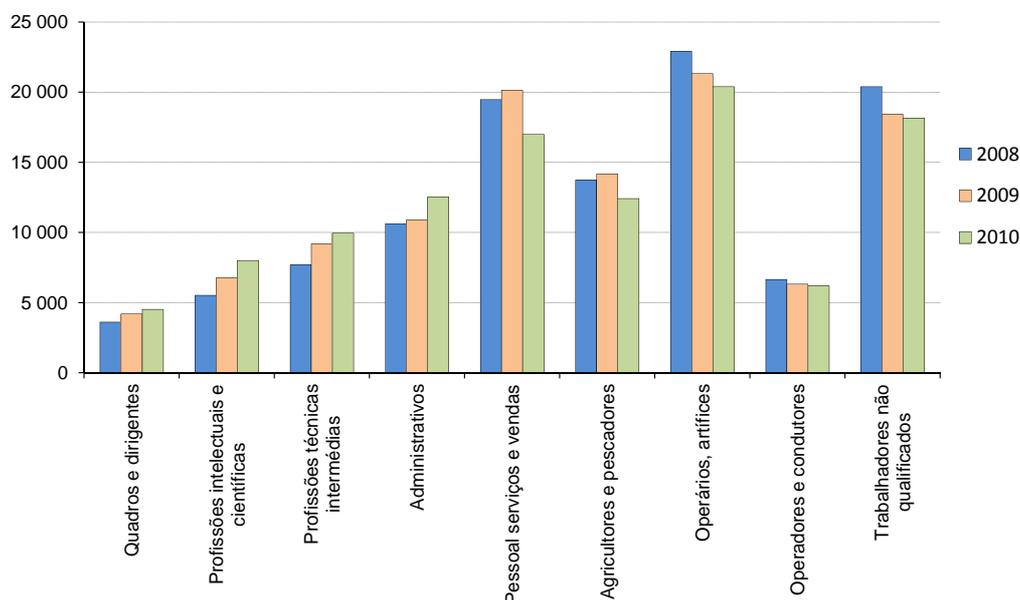
Fonte: SREA, Inqrito ao Emprego.

O aumento da representatividade da populao ativa no sector terciário d continuidade a um processo de formao de empregos em profissões mais exigentes em competências e habilitaoes.

De facto, em 2010, as quatro categorias profissionais que vão desde quadros e dirigentes até administrativos, passando por técnico-científicas, continuaram a crescer em volume e, conseqüentemente, a alargar a respetiva representatividade. Apenas a categoria classificada de pessoal dos serviços e vendedores terá registado uma quebra em volume de emprego terciário.

Já em categorias profissionais mais associáveis aos sectores secundário e primário, como as de trabalhadores não qualificados, de operadores ou condutores e de operários, voltaram a registar decréscimos.

Profissão da População Empregada



Em termos de categorias relativas à situação na profissão da população empregada, prosseguiu a redução de trabalho por conta própria e o reforço de diversas formas, desde trabalho familiar a trabalho dependente por conta de outrem, particularmente na forma de contratos a termo.

Situação na Profissão da População Ativa Empregada, (%)

	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Conta de Outrem....	78,0	78,1	78,4	78,5	78,6	79,1	80,0
Sem termo	60,3	62,2	63,1	62,5	62,1	62,2	62,2
Com termo.....	13,9	12,8	12,6	13,8	13,5	13,3	14,1
Outros.....	3,8	3,2	2,7	2,2	3,0	3,6	3,6
Conta Própria.....	19,9	19,9	19,4	19,1	19,9	19,4	18,0
Familiar e Outras.....	2,1	2,0	2,2	2,4	1,5	1,5	2,0
Total.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: SREA, Inquérito ao Emprego.

Do volume de desemprego estimado pelos inquéritos trimestrais do INE/SREA em 8 139 indivíduos como média anual, 6 005 traduziram-se em registos efetuados junto dos centros de emprego.

Dados sobre Desemprego, 2010

	1º T	2º T	3º T	4º T	Ano
População Ativa Desempregada (SREA)	9 132	7 299	7 806	8 318	8 139
Desemprego Registado (Centros de Emprego)	6 519	5 780	5 599	6 123	6 005

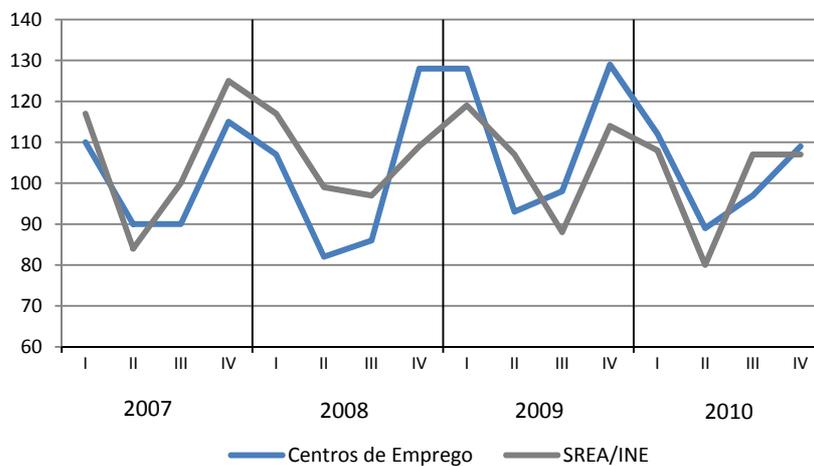
Fontes: SREA, GEP do MTSS e DREPA.

Observando a distribuição intra-anual dos dados sobre desemprego segundo aquelas duas fontes (INE/SREA e centros de emprego), verifica-se que ambas seguem padrões cíclicos aparentemente semelhantes.

De facto, os índices de desemprego atingem máximos no fim de cada ano e/ou princípio do ano seguinte, ao passo que por meados de cada ano o desemprego é menor, apontando no sentido de um padrão condicionado por atividades sazonais.

Padrões Cíclicos de Desemprego

(Índices em cadeia)



As ofertas e colocações realizadas no mercado de emprego medidas pelos centros de emprego, efetivamente, confirmam maiores frequências em meses da Primavera e do Verão, ao passo que os pedidos de emprego, para além de aspetos de dimensão absoluta, atingem maior expressão em meses de Outono e Inverno.

Mercado de Emprego

Ao longo do período

2010	Pedidos	Ofertas	Colocações
Janeiro	1 212	68	29
Fevereiro	939	54	48
Março	1 121	91	57
Abril	877	75	69
Maio	754	113	96
Junho	790	78	58
Julho	839	85	72
Agosto	711	114	79
Setembro	1 116	69	61
Outubro	1 304	63	49
Novembro	1 103	59	40
Dezembro	798	27	20

Fontes: IEFP, Mercado de Emprego: Estatísticas Mensais

MTSS, GEP, Boletim Estatístico

3. PREÇOS NO CONSUMIDOR

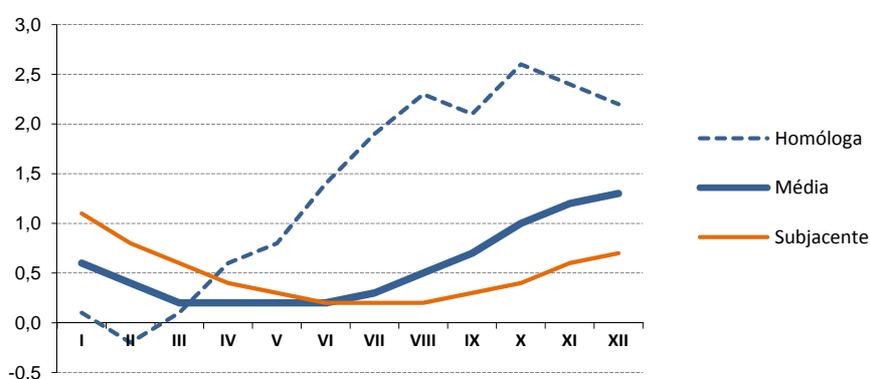
O Índice de Preços no Consumidor terminou em 2010 com uma taxa de variação média anual de 1,3%, situando-se a um nível superior ao do ano anterior, cuja taxa fora de 0,8%.

Esta evolução foi condicionada de forma significativa pela componente de bens energéticos e de produtos alimentares não transformados. Efetivamente, excluindo aquelas duas componentes, a respetiva taxa de variação média anual da inflação subjacente seria de 0,7%, situando-se a um nível inferior ao do ano anterior e, conseqüentemente, seguindo uma tendência inversa em relação à verificada e referida no início desta análise.

Neste contexto, a evolução dos preços refletirá fatores que, além de incorporarem elementos de ordem interna, se encontram fortemente condicionados por elementos de transformação e de peso estrutural, no âmbito de trocas comerciais e de operações financeiras entre grandes zonas da economia internacional, afetando custos na aquisição de energia e de matérias-primas.

A fase de maior intensidade na variação de preços ocorreu desde o mês de Fevereiro até aos meses de Verão, conforme é revelado pela taxa homóloga.

Evolução de Preços no Consumidor, em 2010



Observando a evolução ao nível mais desagregado das 12 classes de produtos que constituem a base do índice de preços no consumidor, verifica-se que os maiores contributos para o nível médio de inflação global tiveram origem em duas classes:

- Transportes e
- Habitação, água, eletricidade, gás e outros combustíveis.

Em qualquer destas classes, os dados empíricos apontam no sentido de as maiores variações de preços se concretizarem mais a partir de grupos de serviços, destacando-se alguns mais consumidores de energia importada, do que de grupos de aquisição de bens ou de trabalhos de manutenção e reparação.

Além destas duas classes não se encontra nenhuma outra com contributo significativo para a evolução geral já que, mesmo nos casos com variação de preços superior à média, a reduzida ponderação em termos de peso no cabaz de compras implica efeitos mínimos no âmbito do agregado no seu conjunto.

Variação e Contribuição por Classes de Despesa, em 2010

Unidade: %

Classes	Variação de preços	Ponde-radores (peso)	Contribuição
1. Alimentares e Bebidas não Alcoólicas	-0,1	22,1	0,0
2. Bebidas Alcoólicas e Tabaco.....	3,4	4,0	0,1
3. Vestuário e Calçado.....	0,6	5,3	0,0
4. Habitação., Água, Eletricidade, Gás e Outros Combustíveis	2,9	9,7	0,3
5. Acessórios, Equip. Domést. e Manut. Corrente da Habitação	1,4	8,5	0,1
6. Saúde	0,9	7,7	0,1
7. Transportes.....	3,3	17,8	0,6
8. Comunicações	-1,1	3,5	0,0
9. Lazer, Recreação e Cultura	0,5	6,0	0,0
10. Educação.....	2,3	1,1	0,0
11. Hotéis, Cafés e Restaurantes.....	0,7	5,8	0,0
12. Bens e Serviços Diversos	0,9	8,6	0,1
Total	1,3	100,0	1,3

Fonte: SREA.

4. MOEDA E CRÉDITO

Em 2010, as instituições bancárias na Região Autónoma dos Açores registaram 3065 milhões de euros em depósitos captados e 4816 milhões de euros em créditos concedidos.

Estes montantes representam acréscimos significativos em relação ao ano anterior, sendo que o crescimento médio anual de depósitos evidenciou uma intensidade relativamente maior.

Em termos gerais a evolução daqueles agregados financeiros sugere um padrão compatível com as condições económicas e financeiras que enquadram as atividades nos Açores. Efetivamente, durante o ano de 2010 verificaram-se tendências de abrandamento económico e fortes restrições de financiamento externo da economia portuguesa, favorecendo uma reorientação de captação de recursos mais baseada em poupança interna.

Depósitos e Créditos Bancários

10⁶ Euros

Evoluções	Depósitos	Créditos ¹⁾	Créditos/Depósitos (%)
Absoluta			
2006.....	2 398	3 447	143,7
2007.....	2 446	4 065	166,2
2008.....	2 834	4 446	156,9
2009.....	2 931	4 646	158,5
2010.....	3 065	4 816	157,1
Relativa Nominal (Δ %)			
2007/2006.....	2,0	17,9	
2008/2007.....	15,9	9,4	
2009/2008.....	3,4	4,5	
2010/2009 ²⁾	4,6	3,7	
Relativa "Real (2)" (Δ %)			
2007/2006.....	-1,5	14,4	
2008/2007.....	12,4	6,1	
2009/2008.....	2,6	3,7	
2010/2009.....	3,2	2,3	

1) Não inclui crédito titulado.

2) Considerando a evolução do IPC.

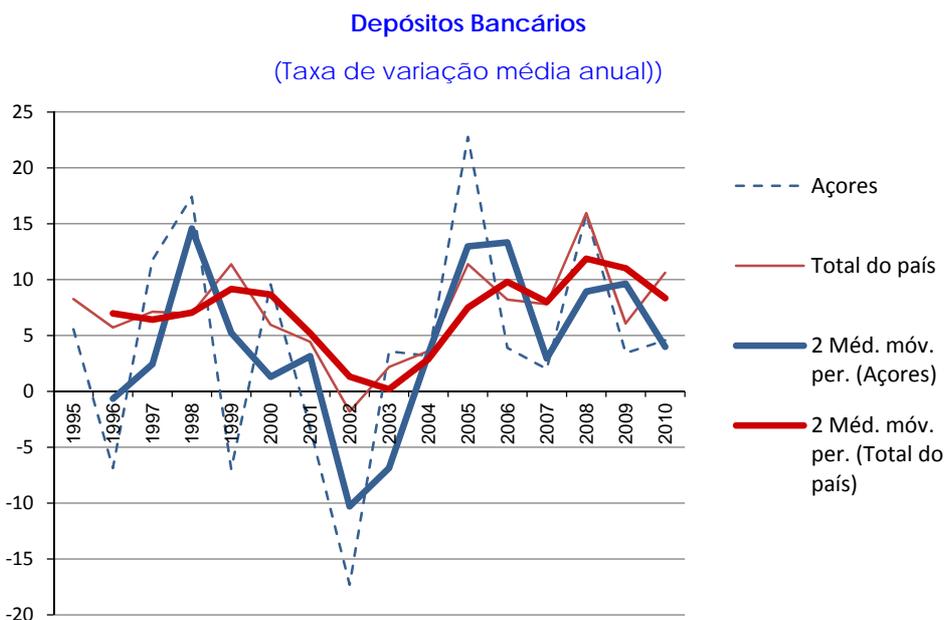
Fonte: Banco de Portugal, Boletim Estatístico, www.bportugal.pt

Depósitos

O montante de 3065 milhões de euros em depósitos captados representa um acréscimo médio anual de 4,6%, traduzindo-se numa certa aceleração em relação ao ano anterior, quando registara um crescimento moderado na sequência dos efeitos da crise iniciada a partir de 2007.

Esta aceleração nos depósitos terá decorrido da conjugação de uma estratégia de financiamento dos bancos com um fenómeno de recomposição da carteira de ativos financeiros dos particulares.

Os bancos procuraram captar poupança nacional num contexto de aumento de custo de financiamento em mercados internacionais e os particulares terão procurado carteiras de ativos mais defendidas de riscos decorrentes de incertezas em diversos produtos alternativos.



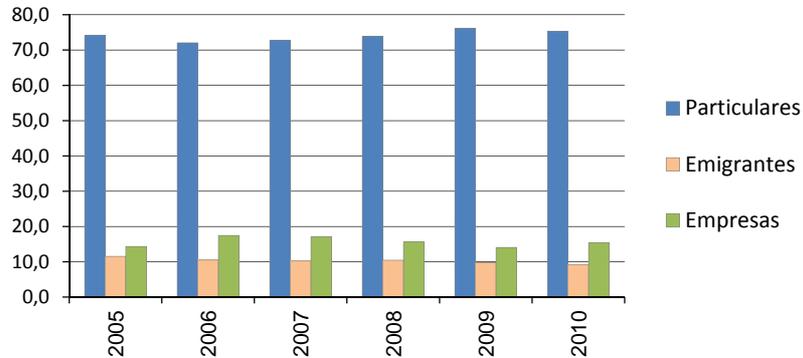
O volume global de depósitos depende sobretudo da componente de depósitos particulares, que tem representado cerca de ¾ do total.

A componente com origem em depósitos de emigrantes tem vindo a reduzir a sua representatividade, havendo descido recentemente abaixo de 10%.

Os depósitos de empresas apresentam características de maior variabilidade.

Depósitos bancários (%)

Distribuições anuais



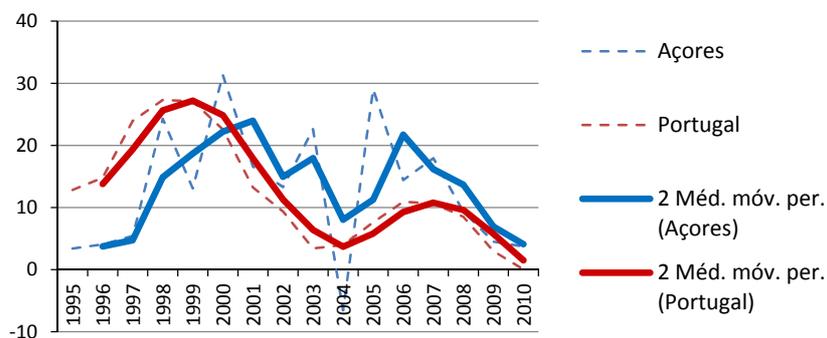
Créditos

O volume de 4 816 milhões de euros de créditos concedidos em 2010 incorpora um crescimento médio anual de 3,7%, integrando-se na linha de desaceleração iniciada a partir da crise em 2007.

Além da deterioração de expectativas quanto à atividade económica geral, têm sido aplicadas políticas de concessão de crédito com maior restrição, traduzindo-se em critérios de aprovação de crédito mais exigentes, como aumento de spreads, redução de montantes de empréstimos concedidos, aumento de comissões ou, também, de garantias exigidas.

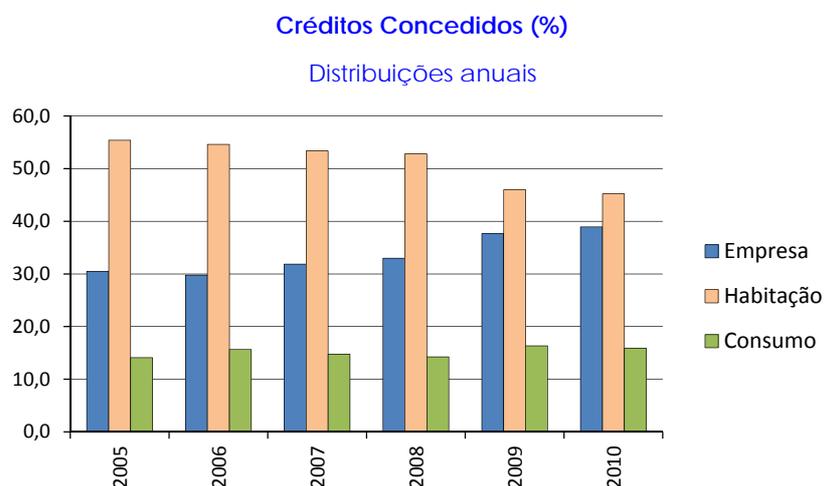
Créditos concedidos

(Taxas de variação média anual)



Os créditos concedidos pelos bancos mantêm aplicações financeiras orientadas predominantemente para empréstimos hipotecários em compras de habitação.

Todavia, o volume de empréstimos contratados com empresas não financeiras tem alargado a sua quota na carteira de negócios dos bancos, aproximando-se daquele nível registado em termos de empréstimos para habitação.



Rede e cobertura bancária

Durante o ano de 2010 mantiveram-se a funcionar 166 balcões da rede bancária na Região Autónoma dos Açores, representando uma capacidade instalada significativa e com potencial.

Se o montante de 3065 milhões de euros de depósitos captados nos Açores correspondeu a 1,4% do total do país em 2010, já o montante de 4816 milhões de euros de empréstimos correspondeu a 1,9%, nos mesmos âmbitos de território e de tempo.

Rede e Cobertura bancária em 2010

	Unidades	Açores	Pais	Açores/Pais (%)
Depósitos	10 ⁶ Euros	3 065	214 909	1,4
Créditos	10 ⁶ Euros	4 816	255 836	1,9
Balcões	Nº	166	6 232	2,7

Fonte: Associação Portuguesa de Bancos.

5. FINANÇAS PÚBLICAS

Evolução Geral

A soma das Despesas correntes, com as de Capital e com as do Plano da Região Autónoma dos Açores, no ano de 2010, traduziu-se em 1 039,7 milhões de euros. Este montante representou um acréscimo de 9,8 milhões de euros, em relação ao ano anterior.

A evolução da soma das despesas ficou a dever-se à componente das Despesas Correntes e à do Plano. De facto, enquanto estas componentes de despesa registaram taxas médias de variação anual positivas, a de Capital correspondeu basicamente a despesas com juros, reduzindo-se mesmo em termos nominais.

Por outro lado, as origens dos recursos financeiros continuaram, praticamente, a repartir-se entre receitas fiscais e transferências, sendo complementadas por fontes de financiamento como a do empréstimo de 50 milhões de euros, no contexto de situações decorrentes de apoio a projetos com comparticipação de fundos comunitários.

Aplicações e Financiamento — Conta da RAA

	Montante (Milhões de Euros)				Estrutura %			
	2007	2008	2009	2010	2007	2008	2009	2010
RECEITAS (Corr.+Capital).....	969,3	1 055,5	1 029,9	1 039,7	100,0	100,0	100,0	100,0
Receitas fiscais (Imp.+Tax.)....	480,7	526,6	453,0	486,3	49,6	49,9	44,0	46,8
Transferências	384,2	422,1	467,7	468,0	39,6	40,0	45,4	45,0
Empréstimos	56,5	91,0	50,0	50,0	5,8	8,6	4,9	4,8
Outras	47,9	15,8	59,2	35,4	4,9	1,5	5,7	3,4
DESPESAS.....	963,7	1 055,0	1 029,5	1 039,2	100,0	100,0	100,0	100,0
Despesas Correntes	571,5	571,5	590,9	600,6	56,4	54,2	57,4	57,8
Despesas de Capital	92,8	92,8	1,7	1,0	6,0	8,8	0,2	0,1
Despesas do Plano.....	390,7	390,7	436,9	437,7	37,6	37,0	42,4	42,1

Fonte: Conta da R. A. A., DROT.

Despesas

Juntando-se fluxos com carácter contabilístico e transitório de despesas com operaes extraorcamentais, no montante de 259,4 milhões de euros, às despesas agregadas já referidas anteriormente, obtm-se um total de 1 298,6 milhões de euros, que incorpora a uma evoluo média anual moderada.

As despesas correntes continuaram a centrar-se em encargos com pessoal e transferências, onde as verbas para funes sociais de educao e saúde representam a frao mais significativa.

Os encargos correntes da dvida de 8,9 milhões de euros decresceram em relao ao anterior, mesmo em termos nominais, enquanto, as amortizaes de serviço da dvida voltaram a registar um valor nulo.

Por sua vez, a execuo do Plano somou um valor total de 437,7 milhões de euros.

Despesas – Conta da RAA

Milhares de Euros			
Despesas	2008	2009	2010
Despesas Correntes	571 578	590 918	600 552
Pessoal	292 524	310 684	319 254
Aquisio de bens e Serviços	16 763	17 540	16 992
Encargos correntes da dvida	13 149	11 449	8 945
Transferências correntes	238 439	238 911	243 448
Subsídios	0	0	0
Outras despesas correntes	10 703	12 334	11 913
Despesas de Capital.....	92 780	1 688	998
Aquisio de bens de capital	875	1 098	396
Ativos financeiros	0	0	0
Passivos financeiros (amortizaes)	91 250	0	0
Transferências de capital	340	0	0
Outras despesas de capital	314	590	602
Despesas do Plano	390 659	436 933	437 658
Contas de Ordem / Operaes extraorcamentais	245 593	245 354	259 375
Total.....	1 300 610	1 274 894	1 298 583

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

Receitas

O total das receitas na conta da Região Autónoma dos Açores somou 1296,7 milhões de euros em 2010, depois de incluir as operações extraorçamentais no montante de 257,0 milhões de euros.

O aumento de 7,5% nas receitas fiscais (impostos mais taxas correntes) decorreu da evolução de componentes mais representativas, particularmente através dos impostos indiretos.

Em termos do financiamento por via de transferências, continuou a incluir-se uma parcela significativa através de receitas correntes, mas os 318,8 milhares de euros transferidos através da rubrica de capital mantiveram uma representação de cerca de 1/4 do total das receitas.

Receitas - Conta da RAA

Milhares de Euros

Receitas	2008	2009	2010
Receitas Correntes	676 262	619 044	638 778
Impostos diretos.....	199 234	170 692	180 714
IRS.....	137 710	141 674	148 978
IRC.....	61 445	28 915	31 706
Outros	79	103	30
Impostos indiretos.....	318 544	274 026	293 987
Imposto de selo.....	25 803	27 366	21 783
IVA.....	216 882	152 247	176 151
Imposto s/ consumo tabaco	23 995	26 133	25 613
Outros	51 864	68 280	70 440
Contribuições Segurança Social.....	4 332	4 643	4 442
Taxas, multas, outras penalidades	4 510	3 685	7 131
Rendimentos de propriedade	4 977	2 227	2 083
Transferências	143 030	146 546	149 334
Outras receitas	1 635	17 222	1 087
Receitas de Capital	371 477	372 081	399 007
Venda de bens de investimento.....	85	41	30 058
Transferências	279 081	321 120	318 662
Ativos financeiros	1 158	797	284
Passivos financeiros.....	91 000	50 000	50 000
Outras receitas	152	121	3
Outras receitas/ Reposições	2 084	38 283	1 888
Saldo da gerência anterior	5 687	492	360
Contas de Ordem/ Operações extraorçamentais ...	245 395	247 285	257 009
Total	1 300 905	1 277 184	1 296 682

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

Saldos

Ao longo do exercício de 2010 continuou a observar-se o excedente das contas correntes que, agregado ao défice nas contas de capital, se traduziu num Saldo Global positivo de 0,5 milhões de euros.

Excluindo os encargos correntes (juros) da dvida no exercício de 2010, o saldo primário traduzir-se-ia em 9.4 milhões de euros.

Saldos – Conta da RAA

	Milhões de Euros		
	2008	2009	2010
Saldo Corrente	104,7	28,12	38,2
Saldo de Capital	-104,2	-27,76	-37,8
Saldo Global	0,5	0,36	0,5
Saldo Primário	13,6	11,81	9,4

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

Dvida Pública Direta

A dvida pública de 374,6 Milhões de euros em 2010 resulta da incorporao do empréstimo de 50 milhões de euros que, conforme já referido inicialmente, teve fundamento para o apoio a projetos com participao de fundos comunitários.

O serviço da dvida de 8,9 milhões de contos, praticamente apenas inclui juros e representa um decréscimo em relao ao ano anterior, mesmo em termos nominais.

Dvida Pública Regional

	Mil Euros		
	2008	2009	2010
Dvida Pública Direta	274 614	324 614	374 614
Serviço da Dvida	104 399	11 449	8 945
Juros.....	13 123	11 364	8 870
Amortizaoes	91 250	0	0
Outros encargos.....	26	85	75

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

6. AGRICULTURA

Entre as principais culturas agrícolas o milho de forragem para alimento de animais registou um volume de produção na ordem de 320 mil toneladas. Já o milho grão situa-se a um nível de produção menos significativo e, aliás, tem vindo a ser reduzida a própria superfície de cultivo.

As produções de beterraba, chá e tabaco foram menos volumosas, caracterizando-se, aliás, pela associação aos respetivos processos de transformação industrial.

Em relação às produções de batata, as estatísticas anuais continuaram a registar quantidades inferiores aos níveis médios dos últimos anos. A batata tarde revela maior representatividade em termos de volume e da própria produtividade medida na unidade de toneladas por hectares semeados. Todavia, é na batata cedo que os dados relativos aos últimos quatro anos parecem evidenciar rácios de produtividade mais progressivos.

Produção das Principais Culturas, R.A.A.

	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Milho Grão.....	1 830	1 799	1 791	1 629	1 380	1 348
Milho Forragem.....	155 333	152 893	147 865	144 772	138 649	136 115
Beterraba Sacarina	9 330	18 654	19 447	16 974	11 618	6 612
Chá	125	112	125	142	145	141
Tabaco	138	125	104	118	118	96
Batata Cedo	4 984	4 984	4 886	4 611	4 637	4 257
Batata Tarde	14 344	15 137	13 907	14 467	15 113	10 304

Fonte: SREA e INE.

Segundo as Estatísticas Agrícolas anuais do INE, a produção de vinhos em 2010 somou um volume de 4,73 mil hectolitros.

Deste, 3,95 mil hectolitros pertenceram à componente de tinto e rosado, representando cerca de 84% do total.

Todavia, foi entre os vinhos brancos, particularmente os licorosos, que voltou a evidenciar-se uma representatividade mais expressiva no contexto da vinicultura portuguesa.

Produção de vinhos, R.A.A.

Unidade: hl

	Branco	Tinto*	Total
Licoroso com DOP.....	411	0	411
DOP - Denominação de Origem Protegida	65	0	65
IGP - Identificação Geográfica Protegida	164	435	599
Com Indicação de Casta	0	0	0
Sem Indicação de Casta.....	140	3 516	3 656
Total.....	780	3 951	4 731

* Pode incluir vinhos tipo rosado.

Fonte: INE.

Durante o ano de 2010, o volume de leite recebido nas diversas fábricas açorianas somou um total de 535,4 milhões de litros, traduzindo-se em relação ao ano anterior numa taxa média de variação anual de -0,9%.

Por sua vez, o volume de leite para consumo de 99,1 milhões de litros também corresponde a um ligeiro decréscimo em relação ao ano anterior, que se traduziu na taxa média anual de -0,3%.

Crescimentos em bens lácteos transformados foram observados na produção de leite em pó e na de iogurtes, atingindo as taxas médias de variação anual de 6,0% e de 9,9%, respetivamente.

Produção e Transformação de Leite

	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Leite recebido nas fábricas (1000 lt.)	491 276	499 801	505 872	506 216	515 728	540 199	535 417
Leite p/consumo (1000 lt).....	65 797	74 670	78 137	89 862	84 069	99 410	99 105
Produtos lácteos (ton.s)	49 681	48 887	49 948	50 500	53 416	53 991	53 827
Manteiga.....	6 794	6 568	7 489	7 127	8 300	8 636	8 070
Queijo	26 075	27 229	26 296	28 697	29 105	28 948	28 354
Leite em Pó	16 557	14 782	15 859	14 324	15 692	16 102	17 067
Iogurtes.....	255	309	304	352	316	305	336

Fonte: SREA.

A produção de 26,2 mil toneladas de carne durante o ano de 2010 corresponde a um ligeiro acréscimo, em relação ao ano anterior.

Para o sentido positivo desta evolução geral, contribuíram as produções de carne de suíno e de aves, cujos crescimentos registaram taxas médias anuais de 3,7% e de 5,6%, respetivamente.

A produção de carne de gado bovino no volume de 16 845 toneladas correspondeu a um decréscimo de -1,5%, no mesmo período. Todavia, esta evolução ficou a dever-se apenas ao excedente de produção na forma de gado vivo que é embarcado para o exterior do arquipélago.

Entretanto este tipo de produção tem vindo a ser substituído de forma progressiva pelo abate em matadouros locais antes de embarque, então proporcionando maior potencial de valorização por unidade de volume produzida.

Produção de Carne

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Gado bovino abatido	7 998	7 247	8 147	8 124	8 262	10 448	11 565	11 645
Gado bovino exportado vivo	14 078	11 983	12 222	11 740	9 631	8 436	5 511	5 200
Subtotal.....	22 076	19 230	20 368	19 864	17 893	18 884	17 076	16 845
Gado suíno abatido.....	5 798	5 364	5 688	4 611	5 146	5 706	4 655	4 827
Aves (abate).....	3 318	3 565	3 720	3 964	4 195	4 230	4 304	4 546
Total.....	31 192	28 159	29 776	28 439	27 234	28 820	26 035	26 188

Fonte: SREA.

Os dados do último Recenseamento Agrícola, para o ano de 2009, voltam a apontar no sentido de um redimensionamento das unidades empresariais agrícolas, na medida em que revelam acréscimos de área média (ha / nº de explorações), de mecanização (densidade de tratores por área ou por exploração) e, por outro lado, redução dos recursos humanos envolvidos (produtores e população agrícola familiar).

Estruturas e Recursos Gerais

Classes	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)	Variações 1999-2009 (%)	
				Açores	Portugal
Explorações (nº)	13 541	305 266	4,4	-3,0	-2,7
SAU (ha).....	120 412	3 668 145	3,3	-1	-5
Tratores (nº)	3 750	184 471	2,0	4,4	15
Produtores agrícolas singulares (nº)	13 360	297 381	4,5	-30	-27
População agrícola familiar (nº).....	42 481	793 169	5,4	-38	-36

Fonte: INE, Recenseamento Agrícola 2009.

Considerando o conceito de orientação técnico-económica a partir da relação entre as diferentes margens brutas de exploração das atividades desenvolvidas por uma mesma unidade empresarial, 11 328 explorações agrícolas foram classificadas como especializadas, já que dois terços da margem bruta global derivaram apenas de uma atividade, e 2 213 foram classificadas como indiferenciadas/combinadas.

Observando as mesmas explorações, mas agora segundo o tipo de cultivo, as orientadas para bovinos mantêm um predomínio no contexto regional e uma representatividade significativa no sector a nível nacional.

Explorações

Classes	Açores	Portugal	Unidade: nº
			Açores/Portugal (%)
Explorações	13 541	305 266	4,4
Segundo o grau de especialização			
Especializadas	11 328	203 440	5,6
Indiferenciadas/combinadas	2 213	101 826	2,2
Segundo o tipo de cultivo			
Viticultura	481	36 474	1,3
Fruticultura	1 225	26 844	4,6
Bovinos leite	2 816	8 123	34,7
Bovinos para gado/carne	3 539	16 135	21,9
Policultura	783	31 577	2,3
Diversos	4 747	186 113	2,6

Fonte: INE, Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas, 2005.

A população agrícola familiar era formada por 42 481 pessoas, caracterizando-se no contexto português pela sua relativa juventude e nível de instrução intermédio. Efetivamente, é nos elementos de grupos etários com menos de 45 anos e nos de habilitações do 2º ciclo ao secundário que se encontram representatividades superiores à média geral de 5,4% para a população agrícola familiar.

População Agrícola

Unidade: nº

Classes	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
População residente.....	245 374	10 637 715	2,3
População agrícola familiar.....	42 481	793 169	5,4
Segundo as classes etárias			
< 35.....	16 334	182 572	8,6
35 a >45 anos.....	5 561	78 124	7,1
45 a <65.....	13 771	270 140	5,1
>=65.....	6 815	262 333	2,6
Segundo nível de instrução			
1º Ciclo.....	15 883	314 001	5,1
2º e 3º Ciclos.....	14 263	184 626	7,8
Secundário.....	3 829	69 294	5,5
Superior.....	1 722	51 902	3,3
Outros*.....	6 685	173 6	3,9

* Contempla indivíduos abaixo de 10 anos.

Fonte: INE, Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas, 2005.

Também no contexto português, as explorações açorianas, ao mesmo tempo que apresentam uma dimensão relativamente reduzida, têm uma intensidade de utilização de volume de trabalho baixa, permitindo uma eficiência equilibrada na utilização destes recursos básicos às atividades agrícolas. Assim, não surpreenderá a produtividade alcançada nos Açores, onde a orientação técnico-económica pelos bovinos gerará significativas margens brutas de exploração, que contribuem para a elevação dos índices médios.

Indicadores Laborais

Classes	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Dimensão (Ha/Expl.).....	8,9	12,0	74,2
Volume de trabalho (UTA/Expl.).....	0,9	1,2	75,0
Eficiência (UTA/100 ha).....	9,6	10,0	96,0
Produtividade (1 000 €/UTA).....	30,4	12,6	241,3

Fonte: INE, Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas, 2005.

7. PESCAS

Em 2010, o pescado descarregado nos portos de pesca atingiu um total de 39,6 milhões de euros, correspondendo a um acréscimo de 28,5% em relação ao ano anterior.

Esta evolução decorreu do fator volume, atendendo que o fator preço médio, medido em euros/kg, registou uma evolução negativa no mesmo ano.

Todavia, apenas um segmento do mercado, o de tunídeos, mostrou-se suficiente para aqueles resultados. O outro segmento de mercado, formado por todas as outras espécies, registou uma evolução de sentido contrário, mas com uma intensidade insuficiente para alterar o sentido da evolução geral.

Pescado Descarregado nos Portos de Pesca

	Anos						
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Volume (Tons)							
Total	11 042	9 254	11 860	15 883	11 528	9 441	18 944
Tunídeos.....	5 228	3 113	5 817	9 392	5 109	3 547	13 675
Restante Pescado.....	5 814	6 141	6 043	6 491	6 499	5 894	5 269
Valor (Mil Euros)							
Total	27 452	28 745	31 876	38 224	35 443	30 799	39 572
Tunídeos.....	3 537	2 336	3 463	6 254	5 798	5 659	16 469
Restante Pescado.....	23 915	26 409	28 413	31 970	29 645	25 140	23 104
Preço (Euro/Kg)							
Total	2,49	3,11	2,69	2,41	3,07	3,26	2,09
Tunídeos.....	0,68	0,74	0,60	0,67	1,13	1,60	1,20
Restante Pescado.....	4,11	4,30	4,70	4,93	4,62	4,27	4,38

Fonte: SREA.

Entre as diversas espécies que compõem o segmento do restante mercado, algumas atingem quotas significativas em termos de vendas, como o goraz, o cherne ou o peixão, faturando 4,14; 3,16 e 3,14 milhões de euros respetivamente.

Estas espécies também fazem parte do grupo das mais valorizadas comercialmente, com valores unitários medidos em euros / quilograma superiores à média.

Por outro lado, certas espécies com valores unitários reduzidos e inferiores à média conseguem atingir alguma representatividade através de volumes capturados, como é o caso do chicharro.

Principais Espécies Descarregadas, 2010

	Toneladas	Mil Euros	Euro/Kg
Abrótea.....	296	971	3,3
Boca Negra	212	879	4,1
Cherne	237	3.166	13,4
Chicharro.....	1.040	1.783	1,7
Goraz.....	269	4.142	15,4
Imperador.....	50	566	11,3
Lula.....	554	2.442	4,4
Mero	23	182	8,1
Pargo.....	38	381	10,1
Peixão.....	410	3.104	7,6

Fonte: SREA.

O pescado descarregado nos portos atinge uma dimensão significativa no contexto nacional, em termos de volume de capturas e, principalmente, da respetiva venda comercial.

De facto, as 18,9 mil toneladas vendidas comercialmente por 39,6 milhões de euros, registaram quotas de participação no sector económico a nível nacional de 11,4% e 14,6%, respetivamente.

Principais categorias de espécies descarregadas, 2010

	Açores		Portugal		Açores/Portugal (%)	
	Tons	Mil euros	Tons	Mil euros	Tons	Euros
Peixes marinhos.....	18.356	36.771	145.693	196.350	12,6	18,7
Crustáceos.....	17	238	1.649	16.867	1,0	1,4
Moluscos.....	571	2.563	18.885	57.858	3,0	4,4
Água doce e outros.....	0	0	77	897	0,0	0,0
Total.....	18.944	39.572	166.304	271.972	11,4	14,6

Fonte: INE.

A capacidade operacional da frota de pesca açoriana traduziu-se, no ano de 2010, em 703 embarcações licenciadas, dispondo de uma arqueação bruta de 6980 unidades padrão e de motorização instalada com potência 44,9 milhares de kw.

Estes recursos produtivos representam uma certa dimensão no contexto económico sectorial português que encontra o seu reflexo correlativo na dimensão do pescado descarregado.

Embarcações, 2010

	Açores	Portugal	Açores / Portugal (%)
Número	703	5.021	14,0
Arqueação bruta	6.980	83.593	8,3
Potência (Kw)	44.918	313.066	14,3

Fonte: INE.

Nas licenças para pesca verifica-se o predomínio na utilização da arte de anzol, tendo atingido 1673 casos, num total de 3026, em 2010.

Sendo assim, minimizam-se riscos de delapidação de recursos naturais, que correm maior perigo com artes mais agressivas como do arrasto, do cerco ou de redes.

Licenças por Arte de Pesca, 2010

	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Anzol	1.673	9.097	18,4
Armadilhas	468	3.144	14,9
Arrasto	0	877	0,0
Cerco	96	322	29,8
Redes	789	7.877	10,0
Outras artes	0	379	0,0
Total	3.026	21.696	13,9

Fonte: INE.

Em 2010, o número de pescadores somou um total de 2 697 matrículas, atingindo uma representatividade de 18% no conjunto do sector a nível nacional.

A dimensão da representatividade a nível do sector pesqueiro português decorre da pesca local nas praias e orlas marítimas junto à terra e próximo do porto de abrigo da embarcação.

Pescadores, 2010

	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Local.....	1.946	7.284	26,7
Costeiro.....	751	7.238	10,4
Largo.....	0	462	0,0
Total.....	2.697	14.984	18,0

Fonte: INE.

No que respeita a restrições e efeitos negativos decorrentes da laboração dos pescadores, foram registados 1 066 dias de incapacidade e 44 feridos durante o ano de 2010.

Estes dados corresponderão a níveis moderados de gravidade, considerando que representaram à volta de 4% do registado no sector a nível nacional, apesar de envolver recursos humanos e materiais que atingiam no mesmo período representatividades na ordem de 14% a 18%.

Sinistralidade e Dias de Incapacidade, 2010

	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Mortos.....	0	17	0,0
Feridos.....	44	1.091	4,0
Dias de incapacidade.....	1.066	27.602	3,9

Fonte: INE.

8. ENERGIA

Eletricidade

No ano de 2010, o volume de 849,8 GWh gerados pelo sistema electroprodutor representa um acréscimo de 2,5% em relação ao anterior.

Já o consumo de 778,6 GWh, no mesmo período, incorporou um ritmo de crescimento mais intenso.

Consequentemente, esta evolução representa um ganho de eficiência, que se pode medir numa redução das perdas no conjunto do sistema electroprodutor.

Eletricidade – Balanço

	GWh							
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Produção....	641,2	702,7	750,1	780,7	804,9	823,7	829,1	849,8
Perdas	81,1	80,7	82,6	77,5	76,6	70,0	72,4	71,2
Consumo	560,1	622,0	667,5	703,2	728,3	753,7	756,7	778,6

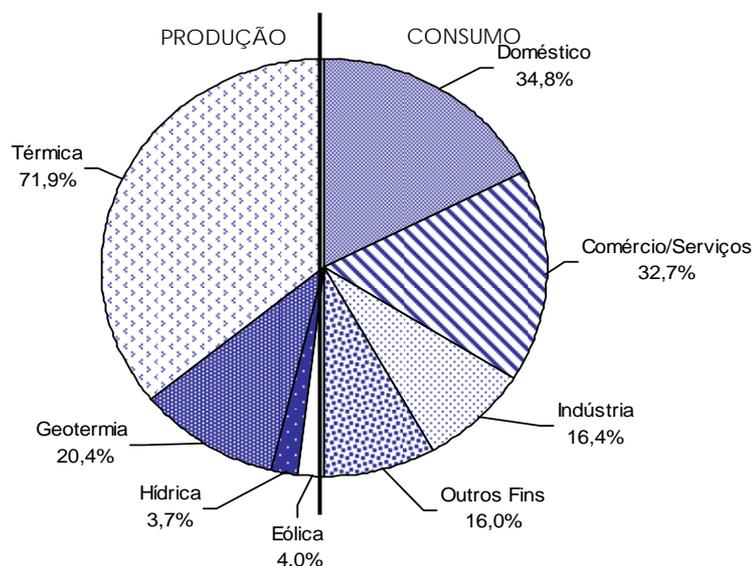
Fonte: EDA.

O volume de produção global continuou, compreensivelmente, a ser estruturalmente dominado pelas atividades das unidades geradoras de energia térmica, que representaram 71,9% do total.

Todavia, a produção com origem em fontes de energias renováveis progrediu a um ritmo de crescimento maior, alargando, assim, a sua representatividade. Efetivamente, as produções geotérmica, hídrica e eólica atingiram uma quota de 28,1% em 2010, enquanto no ano anterior tinham somado 26,0%.

Já no consumo de eletricidade, os sectores doméstico e de comércio/serviços continuaram a ocupar cada um cerca de 1/3 do total, enquanto o terço complementar foi repartido em partes sensivelmente equivalentes entre indústrias e “outros fins”, destacando-se nestes os que assumem características públicas. Em termos de evolução anual durante o 2010, notou-se um crescimento mais significativo no consumo doméstico.

Estrutura da Produção e Consumo de Eletricidade – 2010



A distribuição da produção total segundo as diversas ilhas revela uma correlação com a respetiva distribuição do número de consumidores. Aliás, a evolução ao longo do ano revelou um certo paralelismo. Mais explicitamente, os crescimentos de produção nas diversas ilhas foram significativamente condicionados pelos dos números de consumidores, tendo o padrão de consumo médio por consumidor sido caracterizado por estabilidade.

Já a distribuição da produção por fontes de energia renovável distingue-se por maior variabilidade e relação mínima com aspetos de dimensão da ilha onde se encontram as instalações com respetivas unidades produtivas.

Distribuição por Ilhas – 2010

	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	RAA
Produção total (GWh)	21,7	453,4	214,7	14,3	30,9	47,9	53,3	12,0	1,4	849,8
Produção renovável (%) ...	10,6	44,0	9,2	8,0	5,4	11,6	6,2	48,6	0,0	28,1
Consumidores (nº de instalações)	3 686	61 604	27 155	3 216	5 722	9 199	7 889	2 429	264	121 164
Consumo médio (MWh / nº instalações)	5,3	6,8	7,3	4,0	4,9	4,6	6,1	4,8	4,7	6,4

Fonte: EDA.

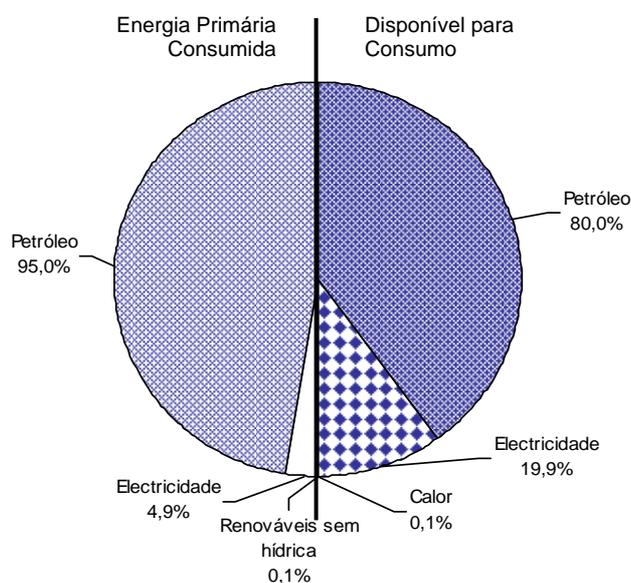
Balanço Energético

Os dados sobre o balanço energético para 2009 parecem situar-se num plano de confirmao dos sistemas e estruturas de produo e consumo de energias já detetáveis através dos dados disponíveis anteriormente.

A oferta de energia primária na Região Autónoma dos Açores baseia-se em diversas combustíveis fósseis (petróleo e derivados), sendo complementada por fontes renováveis (hídrica, geotérmica, eólica, ...) utilizadas diretamente na produo de eletricidade, numa proporo de cerca de 5% do total daquela energia primária.

Com a incorporao de novas formas de energia, particularmente através do sistema electroprodutor, a oferta disponível para consumo final continua a basear-se em combustíveis fósseis, mas o fornecimento através de eletricidade assume a proporo de 1/5 do total.

Balanço Energético – Oferta - 2009



Pelo outro lado, o da procura final segundo os diversos sectores, observam-se utilizaoes das diferentes formas de energia em proporoes variáveis.

O sector de transportes revela-se como o maior utilizador final da energia disponível, consumindo 43,7% do total e concentrando-se em absoluto, isto , 100%, na forma de energia primária de combustíveis fósseis – petróleo e derivados.

O sector de serviços consome cerca de 16% da energia disponível, recorrendo já à forma de eletricidade numa proporção de cerca de 63%.

O sector doméstico ocupa a terceira posição em termos de consumo final com cerca de 13% do total disponível e também recorre de forma significativa à eletricidade, representando cerca de 52% da energia consumida nos lares.

Nos restantes sectores, a saber, das indústrias, da construção e obras públicas e de atividades do sector económico primário, o consumo de energia através de combustíveis fósseis é predominante, sendo mesmo absoluto nas pescas.

Balanço Energético – Procura

Consumo Final de Energia

Unidade: %

Quota de Procura	Sectores	Distribuição por fontes			
		Petróleo	Eletricidade	Outras	Total Geral
43,7	Transportes.....	100,0	0,0	0,0	100,0
15,8	Serviços	37,5	62,5	0,0	100,0
13,1	Doméstico.....	48,7	51,3	0,0	100,0
9,8	Indústrias	71,0	28,0	0,9	100,0
8,9	Construção e O.P.....	96,2	3,8	0,0	100,0
6,2	Agricultura	95,0	4,3	0,7	100,0
2,5	Pescas	100,0	0,0	0,0	100,0
100,0	Total	80,0	19,9	0,1	100,0

Fonte: Direcção Geral de Energia e Geologia.

9. COMÉRCIO COM O ESTRANGEIRO

O comércio da Região Autónoma dos Açores com o exterior estrutura-se na complementaridade entre os principais circuitos comerciais organizados no âmbito da economia portuguesa e trocas de bens mais específicos com países estrangeiros. As respetivas composições segundo os principais produtos deixam transparecer características decorrentes de especializações produtivas e de padrões de consumo estabelecidos.

Os dados estatísticos obtidos pelo INE sobre o comércio de empresas com o estrangeiro mostram um volume de negócios na casa de 200 milhões de euros.

Os valores das saídas de bens vendidos para países estrangeiros têm correspondido a montantes na ordem de metade do valor das entradas de bens comprados aos mesmos países estrangeiros.

Em termos de representatividade deste agregado do comércio com os países estrangeiros, observa-se que o volume global de trocas corresponde a cerca de 5% do PIB estimado para a Região Autónoma dos Açores.

Comércio com o Estrangeiro, intra e extra comunitário

1 000 Euros

	2006	2007	2008	2009	2010
Entradas.....	122 912	78 645	86 975	125 373	150 049
Saídas.....	23 888	40 948	46 658	83 964	75 017
Total.....	146 800	119 593	133 633	209 337	225 066
Taxa de Cobertura (%)..	19,5	52,1	53,6	67,0	50,0

Fonte: INE/SREA.

Observando a distribuição do comércio segundo as grandes categorias de bens transacionados verifica-se elevada representatividade na categoria de produtos alimentares e bebidas, tendo-se registado um excedente comercial no ano de 2009.

A categoria de combustíveis representa uma quota significativa entre as vendas ao exterior que, atendendo à sua natureza, decorrerá de funções de abastecimento a meios de transporte no âmbito de tráfego internacional.

Já as categorias de bens de indústrias transformadoras e para investimentos em capital fixo integram-se mais numa tipologia de segmentos de importao ou entradas comerciais.

Comércio com o Estrangeiro, grandes categorias

1 000 Euros

	Entradas			Saídas		
	2007	2008	2009	2007	2008	2009
Produtos Alimentares e Bebidas	26 598	37 771	51 944	25 970	39 739	59 759
Fornecimentos Industriais - Não Especificados Noutras Categorias	29 131	39 188	30 864	130	611	5 087
Combustíveis	6	...	16 046	11 084	12 819	13 862
Máquinas, Outros Bens de Capital (Exceto Material de Transporte)	9 669	5 374	10 067	952	473	942
Material de Transporte	11 362	1 357	13 202	640	...	3 068
Bens de Consumo Não Especificados Noutras Categorias	1 879	3 150	3 250	777	577	329
Outros Produtos	0	...	0	1 395	...	917

Fonte: INE/SREA.

A distribuo segundo zonas econmicas e países aponta, simultaneamente, para a importao de mercados que apresentam um certo nível de estruturao e para sinais de alguma abertura.

Os mercados mais estruturados continuam a revelar-se por volumes de negócio relativamente maiores com países da EU e por alguma ligao de continuidade tradicional para EUA e Canadá.

Já trocas comerciais com outros mercados diversos parecem reproduzir ou, mesmo, alargar a sua representatividade em termos de valores agregados das respetivas trocas anuais. O exemplo das exportao para os PALOPs, particularmente Angola e Cabo Verde, parecem confirmar a presença de uma lógica de maior abertura comercial.

Comércio Internacional por Zonas e Países

1 000 Euros

	Entradas/Importaoes			Saídas/Exportaoes		
	2007	2008	2009	2007	2008	2009
Uno Europeia	34 062	47 566	72 092	19 643	21 481	55 397
EUA	5 184	4 638	14 344	3 070	3 584	3 057
Canadá	369	472	3 443	1 783	2 358	4 820
Brasil	6 774	212	297	35	...	112
PALOP (s)	X	...	85	2 671	2 999	3 923
Outros	32 256	34 087	35 112	13 746	16 236	16 655

Fonte: INE/SREA.

10. TURISMO

A procura turística, expressa nos registos de entrada nos diversos tipos de alojamento de hotelaria inqueridos pelo Serviço Regional de Estatística dos Açores durante o ano de 2010, traduziu-se em 1,15 milhões de dormidas, incorporando um acréscimo de 3,9% em relação ao ano anterior.

Já a capacidade média de oferta mensal de 9 695 camas, durante o mesmo período, representa um decréscimo de 2,3%.

Consequentemente, relacionando a evolução da procura com a da respetiva oferta, registou-se uma melhoria no nível médio anual de utilização da capacidade disponível.

Efetivamente, a taxa de ocupação média situou-se na ordem de 33% em 2010, enquanto no ano anterior fora de cerca de 31%.

Oferta e Procura Turísticas na Hotelaria

Ano	Capacidade (1)				Dormidas			
	Hotelaria Tradicional	Turismo em espaço rural	Outros (2)	Total	Hotelaria Tradicional	Turismo em espaço rural	Outros (2)	Total
2004	7 062	273	444	7 779	965 049	17 553	24 424	1 007 026
2005	8 075	313	395	8 783	1 136 452	19 381	17 843	1 173 676
2006	8 211	350	555	9 116	1 179 371	19 755	24 543	1 223 669
2007	8 153	609	735	9 497	1 184 375	19 679	87 018	1 291 072
2008	8 339	721	615	9 676	1 127 513	18 541	81 423	1 227 477
2009	8 566	820	543	9 927	1 004 804	20 603	82 723	1 108 130
2010	8 305	844	546	9 695	1 035 031	24 831	91 671	1 151 533

(1) Média anual da oferta mensal de camas.

(2) Casas de hóspedes, Colónias de férias / Pousadas da Juventude, Parques de campismo e Alojamentos particulares.

Fonte: SREA, Estatísticas do Turismo.

A evolução da procura, em termos das dormidas que vimos anteriormente, foi praticamente repartida entre os mercados de origem nacional e internacional. E o acréscimo dessas dormidas ficou a dever-se a um acréscimo correlativo do número de hóspedes, já que as evoluções nas respetivas estadias médias foram mínimas.

Efetivamente, as estadias dos hóspedes residentes no estrangeiro e em Portugal, em termos práticos, mantiveram-se em cerca de 4 dias e de 2,5 dias, respetivamente.

Entretanto, devido a esta diferença entre a duração das estadias, o mercado internacional (residentes no estrangeiro) representou no ano de 2010 cerca 38% em termos de hóspedes, mas atingiu quase metade (cerca de 49%) em termos de dormidas.

Entre os mercados de países estrangeiros que contribuíram para a evolução da procura na hotelaria destacam-se o da Alemanha e o dos Estados Unidos mais Canadá, compensando perdas noutros países, nomeadamente nórdicos.

Procura – Principais Mercados

Hóspedes (milhares) e estadias (dormidas/hóspede),
segundo a residência / nacionalidade

	Hóspedes R. Portugal	Hóspedes R. Estrangeiro	Estadia R. Portugal	Estadia R. Estrangeiro
2004	204,7	108,7	2,8	4,7
2005	206,7	140,0	2,7	4,9
2006	222,1	146,9	2,6	4,7
2007	237,0	146,6	2,6	4,6
2008	234,0	148,1	2,6	4,2
2009	221,8	135,6	2,5	4,0
2010	236,6	144,7	2,5	3,9

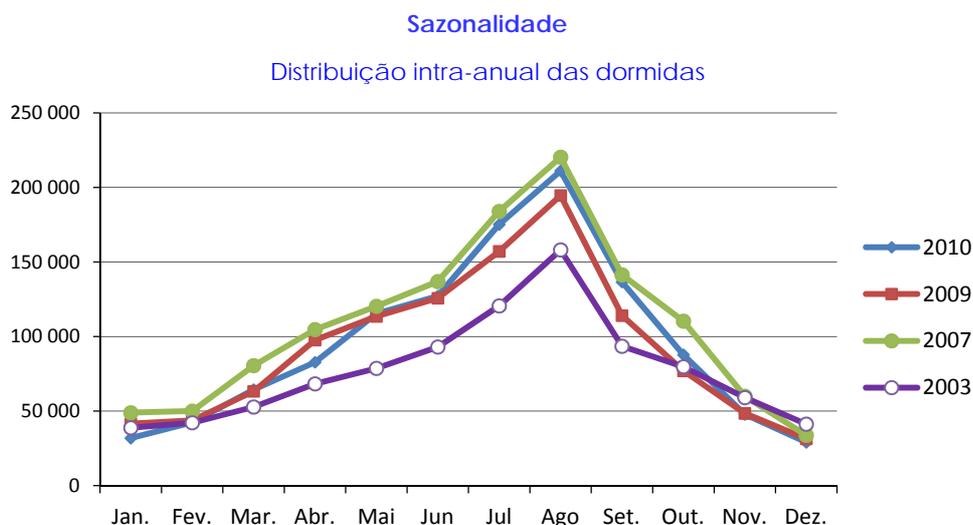
Fonte: SREA, Estatísticas do Turismo e DREPA.

O crescimento da procura em 2010 centrou-se em meses da época alta. De facto foi nos meses de Julho, Agosto, Setembro e Outubro que os números de dormidas superaram os do ano anterior.

Esta evolução pode representar alguma recuperação face à quebra que tinha sido registada, mas ainda sem superar níveis máximos atingidos em fase anterior.

Será o caso da distância em relação ao ano de 2007, como referência de volume máximo atingido pela procura turística antes dos efeitos da crise a partir de 2008.

Por outro lado é possível ter uma imagem de um nível mínimo histórico, observando os dados relativos ao ano de crise em 2003.



As receitas de exploração hoteleira registaram um decréscimo em 2010. Esta evolução decorreu do fator preço, já que o fator quantidade registou um efeito positivo.

Efetivamente, nas formas mais representativas de estabelecimentos de hotelaria tradicional e de turismo em espaço rural vimos, inicialmente, que se tinham registado aumentos significativos no volume de dormidas. Todavia, e por outro lado, os preços das diárias decresceram nominalmente, -2,8% e -6,5% respetivamente.

Exploração das unidades hoteleiras

Receitas e Despesas

Unidade: 1 000 euros

Anos	Receitas totais	Receitas de aposentos	Despesas com pessoal
2004	46 970,4	32 327,6	17 775,7
2005	52 952,6	36 678,2	20 075,0
2006	55 954,4	38 780,4	19 829,1
2007	56 808,6	39 854,4	19 087,6
2008	56 266,0	39 639,0	20 206,0
2009	50 578,2	36 621,5	20 349,1
2010	50 389,2	36 772,9	18 137,0

Fonte: SREA, Estatísticas do Turismo.

Entre as três formas de alojamento turístico com apuramento estatístico sistematizado, a saber, Hotelaria tradicional, Turismo em espaço rural e Casas de hóspedes, verifica-se que os primeiros continuam a caracterizar-se pela maior dimensão, permitindo economias de escala na relação do

número de clientes hospedados com a capacidade de alojamento e de pessoal ao serviço.

Mas se os hóspedes na hotelaria tradicional proporcionam-lhe os melhores níveis de ocupação, é no turismo em espaço rural que se observa a máxima atratividade por residentes no estrangeiro e os mais elevados proveitos de venda gerados por noite de estadia.

Dados de síntese e estruturas
Distribuição de variáveis em 2010

Variáveis	Hotelaria Tradicional	Turismo em Espaço Rural	Casas de Hóspedes	Total
Estabelecimentos.....	38,8	46,2	15,0	100
Capacidade de alojamento	85,7	8,7	5,6	100
Pessoal ao serviço.....	93,5	4,5	1,8	100
Hóspedes.....	91,7	1,8	1,2	100
Dormidas (total).....	95,5	2,3	2,2	100
Dormidas (resid. estrangeiro)	96,2	3,1	0,8	100
Dormidas (época baixa *).....	96,3	1,0	2,7	100
Proveitos totais.....	97,1	2,1	0,9	100
Proveitos de aposento	96,1	2,7	1,2	100
Despesas com pessoal.....	97,8	1,7	0,5	100

* Para efeitos de cálculo considerou-se a agregação do 1º com o 4º trimestre.

11. TRANSPORTES

Os dados sobre o tráfego de passageiros nos transportes coletivos terrestres apontam no sentido de uma certa moderação em termos de intensidade de crescimento ao longo do ano de 2010.

Todavia, observando a um nível mais desagregado, verifica-se que no segmento interurbano viajaram menos passageiros, mas em percursos maiores, já no segmento urbano foi observado um fenómeno de sentido inverso, isto é, com mais passageiros a percorrerem distâncias menores.

Estas diferenças serão mínimas do ponto de vista do grau atingido, mas serão compatíveis e até integráveis nas funções esperadas para os dois segmentos dos transportes coletivos: de pequenos movimentos dentro dos centros urbanos ou, então, de deslocações mais exigentes entre diversas povoações.

Tráfego de Passageiros nos Transportes Coletivos Terrestres

Carreiras		2007	2008	2009	2010
<i>Interurbana</i>	Passageiros.....	7 779 191	7 784 658	7 329 742	7 301 564
	Passageiros/km.....	94 056 342	96 450 692	91 627 023	94 039 841
<i>Urbana</i>	Passageiros.....	1 178 293	1 169 407	1 000 639	1 001 820
	Passageiros/km.....	7 779 755	7 260 846	6 258 470	6 217 810

Fonte: SREA.

Em 2010, o tráfego de passageiros embarcados e desembarcados nos portos comerciais registou um total de 962 milhares de movimentos, o que representa um crescimento de 0,5% em relação ao ano anterior.

O tráfego do canal entre as ilhas do Pico e do Faial continuou a revelar-se estruturalmente significativo, representando cerca de dois terços do total, enquanto as ligações entre o conjunto da rede de portos comerciais do arquipélago se vem destacando por variações de crescimento.

Movimento de Passageiros nos Portos Comerciais

	2007	2008	2009	2010
Total	954 948	954 948	957 182	961 842
Canal Horta – Madalena	691 238	691 238	678 266	665 888

Fonte: SREA.

Depois do decréscimo de movimentos de passageiros com início em 2008 e agravamento em 2009, ao mesmo tempo que se ia alargando progressivamente do tráfego internacional ao inter-ilhas, passando pelo territorial, observou-se um acréscimo geral durante o ano de 2010.

Efetivamente, o total de 1756 milhares de passageiros embarcados e desembarcados nos aeroportos representa um crescimento 1,3% ao longo de 2010, cujo sentido positivo se generalizou aos diversos segmentos de tráfego.

S as respetivas intensidades de crescimento  que registaram diferenças de intensidade, parecendo repetir um processo inicial no tráfego internacional, alargado ao nacional e, finalmente, ao inter-ilhas, com os valores médios anuais de 3,6%, 1,2% e 0,8%, respetivamente.

Movimento de Passageiros nos Aeroportos, segundo o tipo de tráfego

Passageiros Embarcados + Desembarcados

	Inter-ilhas	Territorial	Internacional	Total
2005	786 258	668 890	223 453	1 678 601
2006	827 567	695 955	228 378	1 751 900
2007	851 401	718 860	228 117	1 798 378
2008	856 017	708 221	216 954	1 781 192
2009	840 969	701 309	191 645	1 733 923
2010	847 623	709 939	198 518	1 756 080

Fonte: SREA.

Crescimento de Tráfego de Passageiros nos Aeroportos

Taxa média anual em %

	Inter-ilhas	Territorial	Internacional	Total
2007	2,9	3,3	-0,1	2,7
2008	0,5	-1,5	-4,9	-1,0
2009	-1,8	-1,0	-11,7	-2,7
2010	0,8	1,2	3,6	1,3

Em 2010, o volume de 2,82 milhões de toneladas de cargas movimentadas nos portos comerciais representa um crescimento de 1,2% em relação ao ano anterior. Esta evolução poderá integrar-se numa linha geral de crescimento moderado, mas assegurando variações médias anuais positivas e que apenas fora interrompido nos anos de 2008 e 2009.

Por sua vez, as cargas movimentadas nos aeroportos situam-se num contexto com significado estrutural diferente, mas o volume total de 9,7 mil toneladas movimentadas em 2010 representa um decréscimo, cujo sentido parece suceder numa linha de tendência dos últimos anos.

Cargas Movimentadas

	1000 Ton.						
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Aeroportos.....	12,7	13,2	11,9	11,3	11,7	10,6	9,7
Portos.....	2 797,1	2 825,6	2 857,5	3 050,1	2 905,4	2 780,9	2 814,3
Total.....	2 809,8	2 838,8	2 869,4	3 061,4	2 917,1	2 791,5	2 824,0

Fonte: SREA.

Em 2010 foram vendidos 4 492 veículos automóveis novos, o que representa um acréscimo de 30,1% em relação ao ano anterior. O crescimento de vendas abrangeu o segmento de automóveis ligeiros de passageiros e o segmento de comerciais, mas foi relativamente mais intenso no primeiro.

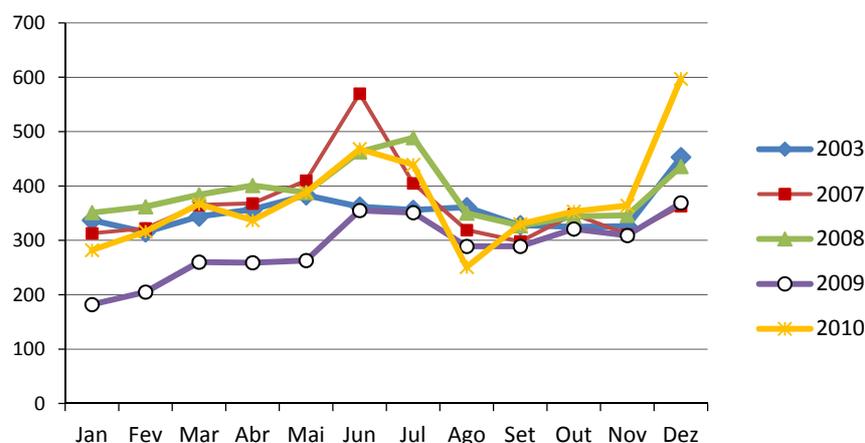
Automóveis novos vendidos, por Tipo e por Ano

	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Total.....	4 354	4 784	4 767	4 392	4 641	3 452	4 492
Automóveis Ligeiros.....	3 353	3 806	3 655	3 249	3 669	2 710	3 587
Passageiros.....	3 345	3 799	3 648	3 238	3 660	2 694	3 480
Mistos.....	8	7	7	11	9	16	107
Automóveis Comercias.....	1 001	978	1 112	1 143	972	742	905

Fonte: SREA, Séries Estatísticas e Boletim Trimestral de Estatística.

Observando a evolução intra-anual verifica-se que as vendas em 2010 se aproximaram dos padrões mais frequentes nos últimos anos, e que são distintos da distribuição de vendas durante o ano de 2009, quando foi evidente a quebra de vendas, particularmente nos primeiros meses.

Automóveis novos vendidos mensalmente



Em 2010, o número de veículos cobertos contra riscos de viação pelo Instituto de Seguros de Portugal somava um total de 127 651, englobando tanto os novos que entraram durante o ano, como os transitados do ano anterior.

Em termos gerais, a entrada de novos veículos foi inferior à saída para abate, implicando um parque automóvel com veículos relativamente mais velhos. Efetivamente, a distribuição dos veículos idade mostra que a classe de carros de mais de 10 anos passou a representar a maior frequência, 38,7%.

**Parque Automóvel Seguro nos Açores,
por classes de idade em 2010**

	Número de veículos	Distribuição por idade (%)			
		Menos de 5 anos	Entre 5 e 10 anos	Mais de 10 anos	Total
2009	116 306	25,0	41,0	34,0	100
2010	127 651	23,9	37,4	38,7	100

Fonte: Instituto de Seguros de Portugal.

12. EDUCAÇÃO

O total de 50.825 alunos matriculados no ano letivo de 2009/2010 representa um decréscimo de 879 alunos em relação ao anterior, integrando-se na tendência geral de redução de matrículas em função do correlativo decréscimo no volume de população em idade escolar.

Contudo, observando a distribuição das matrículas segundo o currículo regular e os diversos programas ou vias alternativas de ensino, registam-se variações significativas entre as diversas opções que o sistema educativo oferece.

Matrículas nas Escolas da Região, por Ano de Escolaridade

Ensino Oficial e Particular

Anos Letivos	Currículo Regular					Progra- ma Cida- dania	Ensino Recor- rente	Progra- ma Opor- tunidade	PROFUJ	UNECA PERE*	Ensino Profis- sional	Total Geral
	Jl	1.º Ciclo	2.º Ciclo	3.º Ciclo	Sec.							
1998/99	6 803	18 157	9 033	11 274	8 602		2 288		356		627	57 140
1999/00	6 793	17 638	8 730	11 017	8 473		1 633		373		747	55 404
2000/01	7 341	17 254	8 322	11 390	7 613		1 709		318		1 118	55 065
2001/02	7 318	16 448	8 340	10 587	7 342	112	2 292	776	339		1 411	54 965
2002/03	7 634	16 292	7 993	10 337	6 936	111	1 675	815	330		1 971	54 094
2003/04	7 710	16 125	8 007	9 517	6 831	52	1 026	1 151	917		2 358	53 244
2004/05	8 121	15 926	7 809	9 359	6 504	60	941	1 117	1 220		2 391	53 448
2005/06	7 894	15 389	7 471	9 160	6 266	37	814	1 126	1 403		2 884	52 444
2006/07	7 779	14 675	7 121	9 133	5 783	75	874	538	1 290	2 083	2 554	51 905
2007/08	7 822	13 813	7 070	9 191	5 976	42	1 037	365	1 432	2 205	2 711	51 671
2008/09	7 742	13 726	6 906	9 184	6 220	55	869	405	1 605	2 149	2 846	51 707
2009/10	7 825	13 099	6 649	9 327	6 611	-	798	1 964	1 104	790	2 661	50 825

* No ano letivo de 2009/10 já não existe programa PERE. Os alunos foram introduzidos no programa Oportunidade. Entretanto foram iniciados os Programas Específicos do Regime Educativo Especial – PEREE.

Fonte: Direcção Regional da Educação - Estatísticas da Educação.

Considerando a evolução das taxas de escolarização por idades e anos letivos, torna-se visível que a abrangência etária da frequência escolar vem sendo cada vês mais alargada.

Esta evolução é observável tanto nos escalões etários com idades menores que dispõem de ligações familiares mais intensas, como nos escalões

etários com mais idade que vão saindo do sistema de ensino para entrarem no mercado de trabalho.

Efetivamente, para além dos grupos etários de escolaridade obrigatória, entre os 6 e os 14 anos, com taxas de escolarização compreensivelmente de 100%, verifica-se que os outros vêm registando taxas progressivamente mais próximas daquele nível absoluto.

Aliás, no primeiro escalão a seguir à escolaridade obrigatória, o de 15 anos, já se registou uma taxa de 100% no último ano letivo.

Taxas de Escolarização por Idades e Anos Letivos

Ensino Oficial e Particular

IDADES	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10
3 anos.....	50,8	49,7	57,8	58,5	59,5	65,7
4 anos.....	85,9	82,2	85,4	82,0	86,2	88,5
5 anos.....	99,6	100,0	98,4	100,0	97,4	98,6
6 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
7 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
8 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
9 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
10 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
11 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
12 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
13 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
14 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
15 anos.....	87,2	92,0	94,1	97,8	99,5	100,0
16 anos.....	77,6	81,0	77,0	83,5	91,9	90,3
17 anos.....	65,6	69,6	63,4	68,3	72,1	78,0
18 anos.....	39,3	44,6	34,5	40,7	41,3	44,7
19 anos	25,0	27,1	23,2	24,8	25,3	26,0

Fonte: Direcção Regional da Educação.

O sucesso ou aproveitamento escolar, medido pela proporção de alunos que transitam de ano ou que concluem definitivamente um ciclo, e no âmbito da escolaridade obrigatória, situa-se na casa de 80%, tendo já sido registadas proporções na casa de 90%.

Nos casos de frequência voluntária (secundário - 12º ano) o aproveitamento escolar tem vindo a registar progressos, que se traduzem em taxas com níveis de concretização tendencialmente mais elevadas.

Desta forma tem-se verificado uma aproximação às taxas de outros ciclos, evidenciando-se o caso do último ano letivo, quando a respetiva taxa de 66,2% ficou a 16,1% da taxa do 9º ano, enquanto no ano anterior ficara a 25,3%.

Aproveitamento Escolar, por Ano de Escolaridade (a)

Taxas de Transição ou de Conclusão Ensino Oficial e Particular – Currículo Regular

Ano de Escolaridade	03/04	04/05	05/06	06/07	07/08	08/09	09/10
4º	85,3	87,0	94,9	92,7	86,4	85,9	85,1
6º	77,1	79,6	90,3	90,7	90,7	91,9	88,9
9º	74,9	78,0	87,0	88,4	87,2	85,4	82,3
12º	44,6	54,1	50,5	65,5	66,9	61,1	66,2

a) Consideraram-se como representativos os anos terminais de cada ciclo do ensino básico e secundário.

Fonte: Direcção Regional da Educação - Estatísticas da Educação.

Em termos de organização, a rede pública tem-se mantido nos anos mais recentes com as mesmas 39 unidades orgânicas, sendo 16 Básicas Integradas, 8 Secundárias, 12 Básicas e Secundárias, 2 de Ensino Artístico e 1 de Ensino Profissional.

Em termos de estruturas físicas, a rede de escolas oficiais com 322 e 2789 espaços escolares incorporou algumas valorizações patrimoniais necessárias ao funcionamento e adaptação a novas condições.

Já os dados sobre pessoal docentes afeto aos estabelecimentos de ensino da rede pública mostram um reforço de elementos no ativo, a nível global e de distribuição por ilhas.

Distribuição por ilhas

Ensino Oficial – 2009/10

	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	AÇORES
Unidades orgânicas	1	20	6	1	3	3	3	1	1	39
Edifícios Escolares	7	170	73	9	20	25	13	4	1	322
Espaços Escolares	73	1 570	5 96	60	119	157	154	47	13	2 789
Pessoal docente	146	2 915	1 142	90	237	308	275	81	16	5 210

Fonte: Direcção Regional de Educação.

13. DESPORTO

As federações das diversas modalidades desportivas registaram a participação de 21844 atletas nas atividades desenvolvidas ao longo da época desportiva de 2009/2010.

Já o acompanhamento e o desenvolvimento das atividades federadas estiveram a cargo de 1 078 técnicos, 1 067 árbitros/juizes e 1 529 dirigentes/ /outros agentes desportivos.

O número de técnicos continua a representar uma evolução significativa, permitindo melhorias em índices de enquadramento e potenciando a formação de grupos e práticas desportivas.

Em relação a outras formas de enquadramento, como a de arbitragem e dirigismo verifica-se maior estabilidade. Efetivamente, a relação do número daquele tipo agentes desportivos com o número do respetivos atletas tem-se mantido praticamente constante nos anos mais recentes.

Evolução Desportiva

	2007	2008	2009*	2010
Atletas.....	20 419	21 102	21 921	21 844
Técnicos	816	938	1 007	1 078
Árbitros / Juizes.....	902	1 062	1 089	1 067
Dirigentes / Outros Agentes.....	1 572	1 533	1 564	1 529
Clubes / Entidades	349	358	377	383
Equipas / Grupos Praticantes	1 196	1 222	1 282	1 229

* Dados alterados em relação à edição anterior.

Entretanto, a par da evolução dos agentes e organizações desportivas há modalidades que se evidenciam em termos de dinâmica.

Há modalidades que vêm atraindo mais atletas para as suas atividades. Entre estas, o futsal destaca-se por, simultaneamente, envolver com certo ritmo e regularidade técnicos, equipas e clubes.

Indicadores – Época de 2009/2010

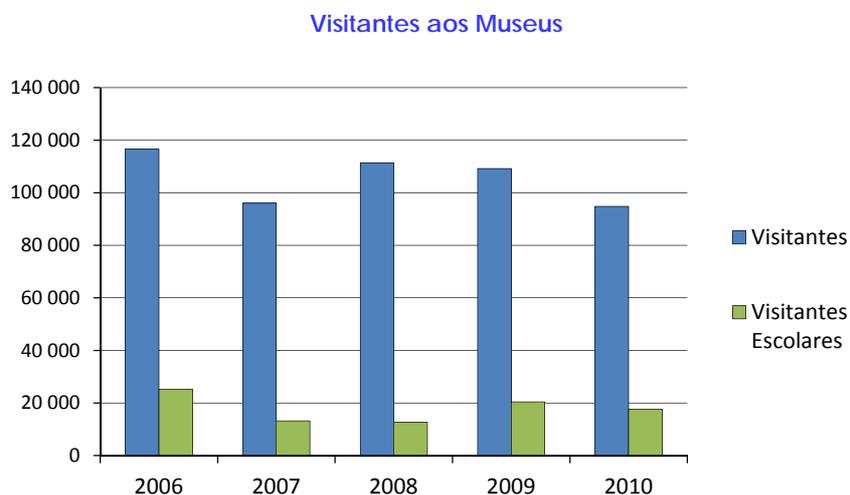
Modalidades	Atle- tas	Técni- cos	Árbi- tros/ Juizes	Diri- gentes/ outros agentes	Clubes/ Enti- dades	Equipas/ Grupos Prati- cantes	Nº jogos provas locais	Nº Part. provas régio- nais	Nº Part. provas na- cionais	Dura- ção Época	Conc.	Nº acções de forma- ção ag. desp. não prat.	Nº acções de forma- ção agen. desp. prat.
Andebol	764	31	25	61	13	52	339	453	134	7	7	3	2
Atletismo	1 327	55	135	39	28	60	732	419	206	8	12	12	1
Automobilismo	229	0	0	0	4	0	0	0	0	0	4	0	0
Badminton	317	14	0	7	13	12	108	73	9	7	5	1	0
Basquetebol	1 422	69	139	74	20	103	945	640	340	8	7	24	0
Bowling	99	0	0	0	1	8	14	33	9	6	1	0	0
Bridge	41	0	0	0	1	3	111	0	28	11	1	0	0
Canoagem	112	7	4	2	5	2	66	62	0	8	4	1	0
Ciclismo	187	4	5	2	9	9	184	69	34	10	5	0	0
Columbofilia	52	0	0	0	2	4	0	31	0	5	2	0	0
Corridas em Patins	244	15	30	11	6	2	34	53	63	3	4	8	0
Dança Desportiva	61	0	0	0	0	2	24	0	12	4	2	2	0
Equitação (Hipismo)	203	2	8	0	4	6	160	91	19	4	4	1	0
Esgrima	22	3	2	1	1	0	0	50	38	0	1	0	0
Futebol 11	4 661	245	125	683	57	221	2 488	912	524	9	19	28	1
Futsal	2 029	116	58	284	55	142	1 749	210	23	9		0	0
Ginástica Aeróbica	175	2	22	2	5	10	35	169	116	4	3	4	0
Ginást. Rítmica Desp.	87	3	7	7	1	7	36	54	23	4	1	0	0
Golfe	501	2	1	17	2	43	237	394	60	4	3	0	0
Hóquei em Patins	303	27	11	21	6	26	139	161	60	4	3	0	0
Jetski													
Judo	951	50	70	43	13	49	104	111	221	5	7	6	0
Karaté	913	67	100	23	19	26	347	201	105	9	14	10	0
Kickboxing/Full-C	529	26	30	32	9	29	175	103	61	5	5	3	1
Motociclismo	46	0	0	0	3	1	0	141	7	0	3	0	0
Natação	838	33	64	8	7	50	235	301	64	9	5	1	0
Parapente	37	0	0	0	3	2	0	0		0	3		
Patinagem	176	8	26	8	5	3	49	30	45	6	1	0	0
Pesca Desportiva													
Pesca Desportiva Alto Mar	38	0	0	0	3	2	23	16	15	8	3	0	0
Surf	81	0	0	0	1	2	18	0	0	5	1	0	0
Ténis	645	25	14	36	6	43	82	341	114	3	5	2	0
Ténis de Mesa	912	44	36	30	19	47	669	128	125	6	7	4	1
Tiro c/ arma caça	66	0	0	0	5	4	59	41	6	5	5	0	0
Tiro com Arco	17	6	0	0	2	0	55	0	27	9	2	0	0
Tiro de Precisão	182	6	17	33	4	16	120	108	49	9	4	0	0
Trampolins													
Triatlo	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Vela	464	46	38	0	11	19	11	350	44	0	11	1	0
Voleibol	2 863	148	88	88	28	221	1 761	1 332	366	7	14	30	1
Voleibol de Praia													
Xadrez	249	24	12	17	12	3	57	186	15	6	9	2	0
TOTAL	21 844	1 078	1 067	1 529	383	1 229	11 166	7 263	2 962			143	7
					a) 257								

a) Total de clubes efetivamente existentes, já que muitos desenvolvem mais de uma modalidade.

14. CULTURA

Em 2010, o número de visitantes aos diversos museus na Região Autónoma dos Açores situou-se na ordem de 95 milhares, cabendo cerca de um quinto a visitas escolares dispensadas de pagamento de entrada.

Nos últimos anos as entradas, quer as totais, quer as de estudantes, têm revelado alguma estabilidade em termos de volumes médios globais, mas com flutuações que, por vezes, atingem variações mais significativas.



As publicações periódicas nos Açores têm-se concretizado na edição de cerca de 3 dezenas de títulos.

Estes títulos recorrem sobretudo a edies em suporte de papel, mas tem-se registado uma certa progressão em termos de edio simultânea em suporte eletrnico, na medida em que segundo os últimos dados (2009) já se observa uma abrangência de 20%.

Os exemplares vendidos vêm atingindo números na ordem de 6 000 milhares em termos de volume médio anual.

Este volume  praticamente constituído pelos exemplares de jornais vendidos que têm representado cerca de 95% do total, cabendo basicamente a revistas os 5% complementares.

Assim, observa-se uma estrutura de repartição diversa do padrão nacional, onde as revistas atingem uma quota de 25% neste mercado de publicações.

Publicações Periódicas Nº de Exemplares Vendidos

Unid: milhares de exemplares

	Total	Jornais	Revistas
2006	5 046	4 741	272
2007	8 879	5 604	241
2008	6 005	5 750	230
2009	5 920	5 641	270

Fonte: INE.

Em 2010, realizaram-se 453 espetáculos ao vivo, com a presença de 168 milhares de espectadores, o que se traduziu numa presença média de 371 espectadores por espetáculo.

Já as receitas totalizaram 900 mil euros dos 70 mil bilhetes vendidos, implicando um preço médio de 13 euros por cada bilhete.

A nível nacional, e no mesmo período, os rácios sobre o número de presenças por espetáculo e do preço por bilhete corresponderam, respetivamente, a 340 pessoas e a 18 euros.

Espetáculos ao Vivo

Ano	Sessões	Espetadores	Bilhetes Vendidos	Receitas
	Nº			(milhares de euros)
2006	371	102 000	45 332	636
2007	401	84 000	22 702	267
2008	510	158 000	77 447	791
2009	329	103 750	50 409	588
2010	453	169 000	69 868	900

Fonte: INE.

Entre as agremiações e entidades com atividades culturais, durante o ano de 2010, contavam-se 104 filarmónicas, 67 grupos de folclore e 24 grupos de teatro.

Atividades Culturais

	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	Total
Filarmónicas.....	1	35	24	4	15	13	8	3	1	104
Grupos de Folclore.....	3	27	20	1	2	8	5	1	0	67
Grupos de Teatro.....	1	5	9	1	2	3	2	1	0	24

Fonte: DRC

15. SAÚDE

Durante o ano de 2010 foram administradas 80 043 inoculações no conjunto da rede de centros de saúde, o que representa um crescimento de 14,4% em relação ao ano anterior. Esta evolução poderá associar-se a campanhas de vacinação e a necessidades mais específicas de saúde pública, dando continuidade a variações já observadas em fase anterior.

O volume de 563 452 consultas incorpora um crescimento durante o ano de 2010, enquanto os 419 629 atendimentos nas urgências traduzem um decréscimo no mesmo período. Aparentemente estes dados integram-se em tendências de evolução do volume de atos médicos praticados no âmbito do serviço regional de saúde.

Consultas e Urgências

	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Consultas.....	481 555	507 715	508 567	558 002	558 049	563 452
Centros de Saúde* ...	291 897	313 939	302 075	332 082	315 935	318 957
Hospitais.....	189 658	193 775	206 492	225 920	242 114	244 495
Urgências	432 357	419 259	416 912	430 316	428 215	419 629
Centros de Saúde	277 797	262 208	262 343	274 380	273 015	256 015
Hospitais	154 560	157 051	154 569	155 936	155 200	163 614

* Inclui consultas no Centro de Oncologia.

Fonte: Direcção Regional de Saúde.

O número de 29 072 doentes internados na rede do serviço regional de saúde, durante o ano de 2010, representa um decréscimo de 0,8% em relação ao ano anterior.

Entretanto, aqueles doentes internados permaneceram 206 874 dias nas respetivas unidades de saúde, o que representa um decréscimo de 2,4% no mesmo período.

Sendo assim, a demora média por doente registou uma ligeira redução, acabando por situar-se numa média de 7,1 dias por cada internamento no ano de 2010. O recurso a atos de internamento é mais frequente nos serviços hospitalares, mas a permanência média é maior nos centros de saúde, onde o rácio corresponde a cerca de 11 dias.

A lotação de 983 camas decorre de uma redução de 13 camas nos centros de saúde. Atendendo que esta evolução corresponde a uma variação com intensidade moderada, não se registou alteração significativa em termos de indicadores de permanência e ocupação.

Internamento

	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Doentes.....	27 372	26 870	27 761	29 116	29 305	29 072
Dias de internamento ...	207 901	211 997	214 924	212 167	211 922	206 874
Lotação.....	988	989	989	1 009	996	983
Demora média (dias)....	7,6	7,9	7,7	7,3	7,2	7,1
Taxa de ocupação (%).	57,7	58,7	59,5	57,6	58,3	57,7

Fonte: Direcção Regional de Saúde.

Em 2010, os meios complementares dos atos médicos nas unidades de saúde açorianas registaram 4,4 milhões de ocorrências.

Destas ocorrências, 3,8 milhões corresponderam a atos de diagnóstico e materializaram-se, grosso modo, nos diversos tipos de exames e análises clínicas.

Por sua vez, os atos de terapêutica corresponderam a 589 milhares de ocorrências como, por exemplo, tratamentos de fisioterapia, hemodiálise, gastroenterologia, eletrocardiografia, que se desenvolvem sobretudo nos hospitais ou, então, nalguns centros de saúde com capacidade de internamento.

Meios Complementares

	2005	2006	2007	2008*	2009*	2010
Diagnóstico	2 734 950	2 879 754	3 176 640	3 338 872	3 490 480	3 799 841
Terapêutica	424 525	461 800	467 199	522 594	547 768	589 672
Total	3 159 475	3 341 554	3 643 839	3 861 466	4 038 248	4 389 513

*Foram retificados os dados de terapêutica.

Fonte: Direcção Regional de Saúde.

O total de profissionais no sistema de saúde regional atingiu um volume de 4 546 elementos em 2010.

Este volume é maior do que o do ano anterior por reforço em valências de certa especialização técnica. Já o grupo de pessoal a desempenhar outras tarefas mais comuns ou indiferenciadas voltou a registar um decréscimo.

Pessoal

	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Médicos.....	506	510	514	491	495	541
Enfermeiros	1 095	1 212	1 256	1 336	1 311	1 388
Técnicos de diagnóstico e terapêutica	216	226	238	257	265	276
Outro pessoal	2 397	2 367	2 371	2 433	2 367	2 341
Total	4 214	4 315	4 379	4 517	4 438	4 546

Fonte: Direcção Regional de Saúde.

Em termos de distribuição territorial (por ilhas), observa-se maior dispersão nos atos mais representativos de medicina preventiva e/ou primeiro atendimento, como os casos de profilaxia ou de consultas.

Já o internamento de doentes e utilização de diagnósticos situam-se de forma proporcionalmente mais intensa nas ilhas onde se encontram instalações de unidades de saúde com respetivos recursos técnicos e humanos desempenhado valências de maior especialização e, conseqüentemente, com raios de ação mais abrangentes, estendendo-se a mais do que uma ilha ou, mesmo, cobrindo todo o arquipélago.

Distribuição por ilhas %

	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	AÇORES
Profilaxia	2,1	58,1	22,4	1,8	3,2	5,1	6,0	1,1	0,2	100,0
Consultas.....	2,5	48,2	21,9	3,2	4,0	5,3	12,2	2,3	0,5	100,0
Doentes.....	2,7	50,6	25,4	1,4	3,0	2,1	13,7	1,1	0,0	100,0
Lotação.....	2,0	51,1	22,8	1,6	5,4	4,2	11,0	1,7	0,2	100,0
Diagnósticos	2,2	52,7	22,7	2,5	3,3	5,0	10,4	1,3	0,0	100,0
Médicos.....	0,7	56,9	26,8	0,7	1,3	2,4	10,2	0,7	0,2	100,0

Fonte: Direcção Regional de Saúde.

16. SEGURANÇA SOCIAL

O total de 49 088 pensionistas abrangidos pela Segurança Social em 2010 representa um crescimento de 1,4% em relação ao ano anterior.

Esta evolução geral agregou crescimentos nas três categorias: a de velhice, a de invalidez e a de sobrevivência.

A categoria de pensionistas por velhice foi a que cresceu a um ritmo mais próximo da média geral, já que é a mais representativa, situando-se acima de 50% do total.

A evolução na categoria de pensionistas por sobrevivência pode considerar-se que prosseguiu dentro da linha de tendência que tem revelado nos últimos anos, isto é, crescimento moderado, mas regular.

Já as pensões por invalidez em acidente ou doença, antes de atingir a idade de reforma, atingiram um crescimento bem acima da média e que contrariou a sequência de reduções em anos imediatamente anteriores.

Pensionistas da Segurança Social

	Pensionistas (Total)	Pensionistas por		
		Velhice	Invalidez	Sobrevivência
2004	48 372	24 722	9 228	14 422
2005	48 593	24 900	9 077	14 616
2006	51 137	26 294	9 208	15 635
2007	47 937	24 387	8 807	14 743
2008	48 155	24 534	8 783	14 838
2009	48 411	24 747	8 703	14 957
2010	49 088	25 204	8 896	14 988

Fonte: C.G.F.S.S.

As receitas somaram um total de 208,7 milhões de euros em 2010, o que representa um decréscimo de 0,1% em relação ao ano anterior.

Esta evolução foi determinada pelo decréscimo de rendimentos, num contexto em que as próprias contribuições registaram uma desaceleração.

Receitas e Despesas Correntes

1 000 Euros

	2008	2009	2010
Receitas.....	208 750	208 828	208 690
Contribuições.....	199 653	200 956	201 406
Rendimentos	4 707	3 593	2 089
Outras.....	4 390	4 279	5 195
Despesas	160 384	176 180	195 456
Prestações dos regimes*	78 886	99 289	109 577
Ação Social.....	44 743	47 602	49 973
Administração e outras	36 755	29 289	35 906
Saldo (Receitas - Desp.)	48 366	32 648	13 234
Saldo (Contrib. -Prestaç.).....	120 767	101 667	91 829

* Conforme nova Lei de Bases.

Fonte: CGFSS.

Por outro lado, as despesas com as prestações dos regimes registaram um crescimento médio anual de 10,4% em 2010, atingindo o volume de 109,6 milhões de euros.

Certas componentes como a do rendimento social de inserção e da proteção familiar representam volumes significativos de despesa. Todavia têm sido diversas formas de apoio ao desemprego, nomeadamente a incluída na rubrica Repartição - Regime geral que mais tendem a agravar-se.

Despesas - Prestações dos Regimes

1 000 Euros

	2008	2009	2010
Rendimento Social de Inserção	16 966	19 755	20 522
Subsídio Social de Desemprego/provisório/majoração .	4 488	6 645	7 489
COMPAMID *		1 863	2 328
Regime Não Contributivo	922	1 333	1 669
Regime Transitório dos Rurais	1	1	1
Regime Especial de Seg. Social das Ati. Agrícolas	1 377	1 337	1 280
Subsídio Social na Maternidade.....	231	1 243	1 171
Proteção Familiar	26 324	32 641	32 610
Prestações Sociais.....	1 781	1 611	1 857
Repartição - Regime Geral	26 423	26 702	40 405
Políticas Ativas de Emprego e Formação Profissional	0	93	244
TOTAL.....	72 994	78 886	109 577

* Complemento para aquisição de medicamentos pelos idosos (DLR n°4/2008/A, de 26 de Fevereiro).

Fonte: CGFSS.

O volume de cerca de 50 milhões de euros de despesas de ação social em 2010 representa um crescimento de 5% em relação ao ano anterior.

Esta evolução repartiu-se de forma relativamente equilibrada entre as diversas componentes da ação social que se destinam a prevenir situações de maior carência e a apoiar pessoas e grupos sociais mais vulneráveis.

Despesas – Ação Social

	2008	2009	2010
Infância e Juventude.....	22 940	24 789	26 017
Família e Comunidade	7 234	8 011	8 409
Invalidez e Reabilitação	3 720	4 048	4 313
Terceira Idade	10 849	10 754	11 234
Total.....	44 743	47 602	49 973

1 000 Euros

Fonte: CGFSS.

17. SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Comunicações eletrónicas

Em 2010, os processos de infraestruturização e de difusão de tecnologias em comunicações eletrónicas continuaram a materializar-se em investimentos nas redes de serviços telefónicos e de distribuição de sinal de televisão.

A evolução nestes segmentos com novas tecnologias situa-se em níveis de expansão de atividade, registando taxas de crescimento superiores às da evolução média das atividades económicas em geral.

As redes com tecnologia digital ocupam a quota mais representativa nas distribuições dos sinais de televisão. Entretanto, comparando as redes de distribuição nos Açores com as do País no seu conjunto, verifica-se uma certa preferência pela difusão de sinal por via satélite no arquipélago, em detrimento da difusão por cabo.

Distribuição do Sinal de Televisão

(percentagem de assinantes)

Distribuição	Açores	País
Cabo	34,7	51,8
Satélite	33,9	24,2
Fibra ótica.....	2,4	5,2
Outros meios	29,0	18,9
Total	100,0	100,0

População e as TICs (agregados domésticos e utilizadores individuais)

Em termos de posse de computadores e de ligações à Internet pelos agregados domésticos, os dados para o ano de 2010 continuaram a mostrar alargamentos significativos nos graus de cobertura das respetivas tecnologias.

Naquele ano, os 61% de agregados que possuíam computador e os 54% que dispunham de ligação à internet representam acréscimos no grau de cobertura em relação ao ano anterior de 5% e de 7%, respetivamente,

correspondendo a variações anuais mais intensas do que em anos anteriores, particularmente na ligação à Internet.

**Posse de Computador e Ligação à Internet pelos
Agregados Domésticos – Evolução na R.A.A.**

Unidade: %

	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Posse de computador.....	41,0	45,0	50,0	52,0	56,0	61,0
Ligação à Internet	37,4	38,0	40,0	41,0	47,0	54,0

Fonte: UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento.

Aparentemente esta evolução insere-se na dinâmica do conjunto do país, com diferenças mínimas de variação de crescimento entre as diversas regiões e que se têm compensado em termos de crescimento a médio prazo.

Tomando níveis de cobertura média nos países da EU como referência, verifica-se uma margem para crescer ainda expressiva, já que nesses países a utilização de tecnologias idênticas não terão atingido níveis de saturação.

**Posse de Computador e Ligação à Internet pelos
Agregados Domésticos, 2010**

Unidade: %

	Açores	Portugal	UE, 27
Posse de computador.....	61	60	74
Ligação à Internet	54	54	70

Fonte: UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento.

Considerando a utilização individualizada em 2010, constata-se que 49% das pessoas utilizaram o computador e 45% acederam à Internet.

Em termos gerais, as principais formas de utilização segundo diversas tipologias (etárias, profissionais, motivacionais, etc.) terão mantido, as características já observadas em anos anteriores. Maioritariamente serão os grupos etários mais jovens a utilizar estas tecnologias. A utilização de computador e da Internet variará na razão direta do nível de instrução. Serão os estudantes e os empregados, os grupos mais utilizadores do computador e da Internet. As competências adquiridas ao nível da utilização de computador e de Internet serão, significativamente

condicionadas por processos de auto – aprendizagem. A comunicao e pesquisa de informao serão as atividades mais frequentes no uso da Internet. Quanto a encomendar e/ou comprar produtos e serviços, grande parte dos utilizadores, permanecerá pouco recetiva a esta modalidade alternativa ao comércio tradicional.

Utilizao de Computador e de Internet pelos Indivíduos – evoluo R.A.A.

Unidade: %

	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Utilizao de Computador.....	33,4	35,0	37,0	40,0	43,0	49,0
Utilizao de Internet	26,3	28,0	30,0	35,0	37,0	45,0

Fonte: UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento.

Analisando os níveis de utilizao de computador e de Internet e comparando-os aos valores médios nos contextos de Portugal e da União Europeia, verifica-se um certo paralelismo aos aspetos assinalados anteriormente, ou seja: a evoluo que se vem verificando  reveladora de uma fase de difusão ou expansão com margem de crescimento significativa para se aproximar de patamares a nível da UE27.

Utilizao de Computador e de Internet pelos Indivíduos, 2010

Unidade: %

	Açores	Portugal	EU 27
Utilizao de computador	49	55	71
Utilizao de Internet.....	45	51	69

Fonte: UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento.

Empresas e Organizaoes

Entre os dados de empresas e organizaoes em geral (onde se inclui as de ensino) encontram-se presentemente desagregados territorialmente os relativos a organismos hospitalares.

O inqrito  de periodicidade bienal sendo disponibilizados os principais resultados pelo INE. Em relao aos Açores e aos quadros apresentados abaixo, os dados apontam no sentido da manuteno do padrão já existente.

Assim, os organismos hospitalares açorianos dispõem de equipamentos informáticos e de ligações à internet praticamente generalizados, enquanto a sua presença revela uma certa moderação de crescimento.

Utilização de Computador e de Internet pelos Organismos hospitalares, evolução RAA

	2006	2008	2010
Computador.....	100	100	100
Ligação internet.....	100	100	100
Internet em banda larga.....	88	88	88
Presença na internet.....	63	75	75

Fonte: UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento.

Estes indicadores encontram-se em níveis comparáveis aos registados em termos nacionais. A maior diferença é observada na presença na internet.

Utilização de Computador e de Internet pelos Organismos Hospitalares, 2010

	Açores	País
Computador.....	100	100
Ligação internet.....	100	99
Internet em banda larga.....	88	95
Presença na internet.....	75	88

Fonte: UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento.

Administrações Públicas

Depois de generalizado o acesso à Internet na Administração Pública Regional, são aspetos da respetiva utilização que prosseguem a difusão de técnicas e de apropriação de métodos no sentido de mudanças organizacionais.

A política de acesso à internet de todos os trabalhadores atinge uma abrangência na ordem de 80% a 90%.

Outras operações diversas registam práticas a níveis mais restritos, como o exemplo de encomendas de bens e serviços que já se situaram na casa de 20% mas representaram apenas 17% em 2010.

Evolução de Indicadores (Internet) nos Organismos da RAA

Unidade: %

	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Ligação à Internet	100	100	100	100	100	100
Velocidade de ligação à Internet superior a \geq 2 Mb/z	5	25	44	42	40	54
Política de acesso à Internet a todos os trabalhadores	80	88	95	85	92	86
Organismos com presença na Internet	77	90	93	93	92	97
Organismos que realizam encomendas.....	21	15	10	20	29	17

Fonte: UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento.

O exemplo das encomendas de bens e serviços também regista utilizações reduzidas nos organismos dos outros níveis de administração.

A disponibilidade de meios (velocidade e presença) regista índices significativos na Administração Local, enquanto a acessibilidade a todos os trabalhadores é mais frequente nas administrações central e local.

Indicadores (Internet) nas Administrações Públicas, em 2010

Unidade: %

	Central	RAA	Local
Ligação à Internet	100	100	100
Velocidade de ligação à Internet superior a \geq 2 Mb/z.....	84	54	92
Política de acesso à Internet a todos os trabalhadores	91	86	70
Organismos com presença na Internet	96	97	100
Organismos que realizam encomendas através da Internet.....	61	17	48

Fonte: UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento.

